

» » » »

O MELHOR DO ALENTEJO

www.visitalentejo.com

AC

TURISMO DE
PORTUGAL



alentejo



» » »

O MELHOR DO ALENTEJO

GUIA DE SUGESTÕES

(...) Quem vai ao mar, prepara-se em terra – diz o ditado. Aplicando a fórmula ao Alentejo, teremos de nos preparar para entrar dentro dele. Será preciso quebrar primeiro a nossa luneta de horizontes pequenos, e alargar, depois, o compasso com que habitualmente medimos o tamanho do que nos circunda. Agora as distâncias são intermináveis, e as estrelas, no alto, brilham com fulgor tropical. Teremos, portanto, de mudar de ritmo e de visor. (...)”

Miguel Torga

FICHA TÉCNICA

Título:

O Melhor do Alentejo – Guia de Sugestões

Autor:

Ana Barbosa/TurAventur

Apoio informativo:

Ana Seixas Palma, António Lacerda, Libânio Murteira Reis

Serviços Turísticos:

Turismo do Alentejo

Fotografia:

Teresa Vilas-Boas/TurAventur

Ana Seixas Palma (ASP)

António Cunha (AC)

CM–Crato

(COY) (UFF)

David Francisco (DF)

LPN

José Manuel Rodrigues (JMR)

Nicola di Nunzio (NdN)

Rui Cunha (RC)

Design:

André do Rosário

Pré-impressão, Impressão e Acabamento:

Gráfica Maiadouro, SA

1ª Edição › Novembro 2008

Edição:

Turismo do Alentejo – Promoção Externa

Turismo do Alentejo E.R.T.

ÍNDICE

Alentejo Prático

- 1. O Alentejo é Património**
- 2. O Alentejo é Natureza**
- 3. O Alentejo é Ruralidade**
- 4. O Alentejo é Gastronomia e Vinhos**

Serviços Turísticos

- Como reservar
- Onde dormir
- Onde comer
- O que fazer
- Onde comprar



Mapa 1

ALENTEJO PRÁTICO

O Alentejo situa-se no sul de Portugal, entre o rio Tejo e o Algarve. A leste faz fronteira com Espanha e a oeste é banhado pelo Oceano Atlântico. É uma extensa região, essencialmente rural e escassamente povoada, que ocupa cerca de um terço do território nacional. A beleza da paisagem e a qualidade do seu património arqueológico, monumental, arquitectónico e etnográfico, a par da excelência da sua gastronomia e vinhos, conferem-lhe condições de excepção para uma descoberta que associe o **turismo de natureza e o turismo cultural**.

COMO USAR ESTE GUIA

1. Neste Guia encontra todas as informações de que precisa para organizar a sua viagem ao Alentejo. A apresentação da Região é feita através dos temas que melhor a caracterizam – Património, Natureza, Ruralidade, Gastronomia e Vinhos –, realidades transversais, presentes em todo o território. Esta abordagem coloca nas suas mãos o trabalho aliciante de construir, em função dos seus interesses e do tempo de que dispõe, umas férias totalmente à sua medida.

2. Como deve proceder? Leia o texto, antevêja nas imagens o tipo de realidade que aqui vai encontrar e, tema a tema, assinale tudo o que lhe interessa visitar. Depois, pegue no mapa da Região e cartografe a sua selecção. Feita esta operação, que lhe permite obter um primeiro traçado da viagem, decida por onde quer começar, onde quer alojar-se e o que vai querer fazer. No capítulo “Serviços Turísticos” encontra as referências necessárias. Se precisar de apoio para efectuar mais facilmente o cruzamento entre os temas e o território, recorra ao website www.visitalentejo.pt ou www.visitalentejo.com. Coloque-o nos seus “favoritos” porque é nele que se actualizam as informações sobre a Região e se encontram as coordenadas GPS das empresas turísticas e dos lugares a visitar.

3. Em cada tema, surge várias vezes a expressão (*O Alentejo é ...*), remetendo-o para outros temas. Esta referência significa que o local ou recurso em questão é citado e/ou recebe tratamento específico no âmbito de outros temas. Sempre que necessário, relembra-se o que pode encontrar no capítulo “Serviços Turísticos”, com menção das respectivas secções.



Mapa 2

- Norte Alentejano
- Alentejo Central
- Baixo Alentejo
- Alentejo Litoral

4. Para poder interpretar e localizar bem a informação que lhe disponibilizamos, consulte o Mapa 2, no qual se desenham as quatro grandes subregiões do Alentejo – Norte Alentejano, Alentejo Central, Baixo Alentejo, Alentejo Litoral – e os concelhos ou municípios que as constituem. A localização dos concelhos é importante porque é nas suas sedes que, salvo algumas excepções, se encontram os postos de Turismo. Por outro lado, dada a tradição municipal do País, durante a sua viagem vai encontrar muita informação turística produzida por cada um deles.

5. No capítulo “Serviços Turísticos”, a informação aparece organizada exactamente da mesma forma – subregiões e concelhos – colocando-se os concelhos por ordem alfabética em cada subregião. Estas informações estão, por sua vez, organizadas nas seguintes secções:

Como reservar, Onde dormir, Onde comer, O que fazer, Onde comprar. A secção **O que fazer**, porque remete para a oferta das empresas de animação turística, operadores marítimo-turísticos e enoturismos, que, com excepção destes últimos, operam em todo o Alentejo, figura fora desta organização geográfica com o subtítulo “Em toda a Região”.

6. Por melhor que prepare em casa a sua viagem, à chegada deve sempre visitar o **Posto de Turismo** da zona onde estiver. É nestes centros de atendimento que encontra o apoio local de que vai necessitar: plantas das cidades e vilas, roteiros turísticos, informações sobre passeios organizados e visitas guiadas, horários de abertura de monumentos e museus; informações úteis como horários de transportes, do comércio tradicional, dos restaurantes, dos bares e discotecas, das farmácias, dos postos de combustível; contactos de táxis e empresas de rent a car; e, também, informação actualizada sobre eventos, exposições, espectáculos, festas, feiras e romarias.

INFORMAÇÕES ÚTEIS

ÁREA E POPULAÇÃO

O Alentejo ocupa uma área de 27.000 kms² e é habitado por cerca de 500.000 pessoas. A densidade demográfica é baixa, situando-se entre os valores máximo e mínimo de 50 e 6 habitantes/km². Espaço e silêncio não lhe vão faltar.

CLIMA

O clima do Alentejo é temperado, com características mediterrânicas e continentais. Os verões são quentes e secos, os invernos húmidos e frios, registando-se, na primavera e no outono, temperaturas amenas e amplitudes térmicas moderadas.

A média das temperaturas mínimas nos meses mais frios – Dezembro e Janeiro – ronda os 6º; a média das temperaturas máximas dos meses mais quentes – Julho e Agosto – atinge os 30º. Estes valores médios incluem, no Inverno, dias com temperaturas perto ou levemente abaixo dos 0º e, nos Verões mais quentes, o mercúrio pode subir acima dos 40º. As amplitudes térmicas no Verão são significativas, por vezes da ordem dos 15-20º. Na faixa costeira, as temperaturas e amplitudes térmicas são amenizadas pela influência do mar.

O Inverno requer bons agasalhos e o Verão roupa fresca e leve, um casaco para a noite, óculos de sol e um bom protector solar.

COMO CIRCULAR

Quem viaja em transporte próprio não terá qualquer dificuldade em mover-se e orientar-se no Alentejo. Os viajantes em bicicleta devem ter em atenção que não existem ciclovias, salvo em pequenos troços junto a alguns centros urbanos. Existe uma boa rede viária, com acesso rápido através de grandes vias: Autoestradas (A) e Itinerários Principais (IP). A utilização das autoestradas está sujeita a pagamento de portagem. Uma vez na Região, deve optar-se preferencialmente pelas estradas secundárias e municipais. Em particular as últimas, que não são mais do que antigos caminhos rurais alcatroados, têm circulação automóvel reduzida e constituem o melhor meio de fruir a paisagem, conhecer modos tradicionais de viver e fazer, encontrar o património cultural mais escondido e contactar

com um povo naturalmente afável e acolhedor.

Na planificação das deslocações em transportes públicos deve ter-se em atenção que os seus horários foram concebidos para residentes e nem sempre são os mais adequados a quem viaja em turismo.

Informações: www.rede-expresso.pt; www.cp.pt; www.rodalentejo.pt

Há serviços de táxi em quase todas as localidades.

SAÚDE 24 HORAS

Em caso de acidente, ligue o número nacional de socorro: 112

Problemas de saúde

Os cidadãos da União Europeia, da Islândia, Liechtenstein, Noruega ou Suíça, que sejam beneficiários de um sistema de segurança social no seu país de origem, devem viajar com o **Cartão Europeu de Seguro de Doença**. Este cartão assegura a prestação de cuidados de saúde nos serviços oficiais e/ou convencionados, sendo cobradas apenas as taxas e/ou participações em vigor para os cidadãos nacionais.

Farmácias

Nas sedes de concelho há sempre uma farmácia de serviço 24 horas por dia. Esta informação está afixada em todas as farmácias. Em algumas superfícies comerciais existem Áreas de Saúde onde podem comprar-se alguns medicamentos.

HORÁRIOS

Comércio Tradicional

Dias úteis, 9h – 9h30/19h – 19h30

Intervalo para almoço: 13h – 15h

Sábados, 9h00 – 9h30/13h – 13h30

Alguns estabelecimentos não fecham para almoço e estão abertos aos sábados durante a tarde.

Bancos

Dias úteis, 8h30 – 15h. Encerram aos dias feriados.



» » »

O ALENTEJO É PATRIMÓNIO

No Alentejo viaja-se naturalmente com e pela História. A abundância e a qualidade do Património que a exprime tornam simples a sua descoberta, mas quem visita a região pela primeira vez pode sentir alguns problemas de escolha. Se é o seu caso, não hesite: opte pelas nossas sugestões e verá que a magia do Alentejo se encontra, com um infinito prazer, em todos os lugares.



ENCONTROS COM A HISTÓRIA

Para que não se perca nesta história milenar, será importante que tenha uma ideia sobre as épocas que mais e melhor marcaram a paisagem rural e urbana do Alentejo. Foi em função deste critério que seleccionámos as sugestões que aqui lhe apresentamos.

Dos tempos recuados do Paleolítico até ao séc. XII, propomos-lhe que se concentre em três momentos fundamentais: o **Neolítico**, que nos oferece interessantes expoentes do **megalitismo**, e os períodos da **ocupação romana e árabe**, que nos deixaram importantes heranças materiais e imateriais em todo o território.

Durante a chamada Reconquista Cristã, Portugal nasce como Nação, o que significa que, do séc. XII até aos nossos dias, temos entre mãos quase 900 anos de História. Deste longo período, sugerimos-lhe que descubra alguns **castelos e centros históricos de sabor medieval** e que visite os *ex-libris* da **arquitectura civil e religiosa**, edificadas nos tempos prósperos dos Descobrimentos e na época da exploração do ouro do Brasil (sécs. XV-XVIII).



Finalmente, porque a história não pára, referimos-lhe ainda algumas **obras contemporâneas**, que mostram como a criatividade dos tempos de hoje se insere e articula com os valores do passado.

Um último conselho. Quando planificar a sua viagem, tenha em conta que, para viver plenamente a essência do Alentejo, deve reservar tempo para a fruição, livre e calma, de tudo o que hoje abre, preserva e anima o Património monumental. Para isso, tem que se instalar no conforto de um palácio, mosteiro ou solar; almoçar ou jantar no ambiente de um antigo refeitório conventual; tomar um copo na esplanada de um castelo; ouvir um concerto de música sacra no cenário de uma igreja barroca; assistir a uma peça de teatro num daqueles belos espaços que outrora recebiam os reis; participar nos espectáculos que animam as praças nas noites quentes de verão. E, porque nada faz sentido se não compreender o que de melhor criou a alma deste povo, tem que conseguir estar, à hora certa, naquela velha ou nova taberna onde ainda pode acontecer ouvir-se, espontâneo, o som genuíno do cante alentejano.

Serviços Turísticos: Onde dormir, Onde comer, O que fazer



RC

(...) "nenhuma cidade nossa, salvo Évora, foi capaz de me dizer com pureza e beleza que eu sou latino, que eu sou árabe, que eu sou cristão, que eu sou peninsular, que eu sou português (...)" – Miguel Torga, 1942, Diário II.

ÉVORA PATRIMÓNIO DA HUMANIDADE

Évora é uma referência incontornável para quem vem ao Alentejo motivado pelo tema do Património. Classificada pela UNESCO Património da Humanidade, ocupa um justo lugar de relevo em qualquer itinerário de Turismo Cultural.

O seu património arquitectónico e artístico é tão omnipresente e impressionante que, por si só, guia os passos de quem gosta de caminhar sem rumo: do romano ao neoclássico, passando pelo gótico e pelas várias expressões do manuelino, da renascença e do barroco, todas as épocas da história estão documentadas com obras que nos encham os olhos e a alma. Referindo só o essencial, precisará de algumas horas para visitar o **Templo Romano**, a **Catedral de Santa**



Maria, a Igreja de S. Francisco e a Capela dos Ossos, o Palácio D. Manuel, a Ermida de S. Brás, o Mirante da Casa Cordovil, a Janela manuelina da Casa de Garcia de Resende, o antigo Colégio do Espírito Santo, actual Universidade, a Igreja da Misericórdia, a Praça do Giraldo e o Teatro Garcia de Resende.

No Posto de Turismo encontra informação turística para a sua visita, podendo recorrer a audíofones; caso opte por uma visita guiada, o que é sempre aconselhável para uma primeira abordagem, peça os contactos dos profissionais locais.

Terminado este reconhecimento inicial do Centro Histórico, vá mais longe. Como rapidamente perceberá, Évora não é um museu de peças soltas. O que a torna única é ser um conjunto urbano de excepção, com mil e um detalhes para descobrir, habitado, com um presente vivo, onde se sente o pulsar de uma cidade contemporânea, culturalmente activa, que se integra e se revê, naturalmente, no Património que soube preservar.

Deixe-se ficar mais uns dias, viva tudo isto e, quando a intuição lhe disser que é tempo de partir, aventure-se à descoberta do muito que está para além das muralhas e tanto contribui para lhe dar sentido: outras cidades, vilas e aldeias, outros tantos lugares de eleição.

ORIGENS

A presença humana nestas paragens está documentada desde o Período Paleolítico. A sua melhor expressão é a **Gruta do Escoural**, cuja visita deve ser precedida de marcação no Centro de Interpretação localizado na vila de Escoural.

A época do apogeu da cultura megalítica situa-se entre os IV e III milénios a.C., estando inventariadas várias centenas de monumentos em toda a Região. Partir para o campo à descoberta de antas, cromeleques e menires é uma das experiências mais gratificantes que pode viver-se no Alentejo. É o que lhe propomos.

Quem tiver pouco tempo ganhará em começar por explorar o eixo Montemor-o-Novo – Évora – Monsaraz, onde se concentram alguns dos seus expoentes mais significativos. Depois de uma visita do **Núcleo Arqueológico do Convento de S. Domingos**, em Montemor-o-Novo, ou do **Centro Interpretativo Megalítica Eborá do Convento dos Remédios**, em Évora, excelentes introduções ao tema do Megalitismo, encontra com facilidade: na zona de Évora, a **Anta Grande do Zambujeiro**, as **antas do Barrocal** e o **menir e cromeleque dos Almendres**; na zona de Monsaraz, as **antas do Olival da Pega**, o **cromeleque do Xerez** e os imponentes **menires do Outeiro, da Belhõa, do Barrocal e do Monte da Ribeira**, este último re-instalado no interior de uma adega patrimonial. Ainda na região de Évora, vale a pena dar um salto à vila de Pavia para espreitar a **anta-capela de S. Dinis**, curioso exemplo de cristianização de um monumento considerado pagão.

No eixo Castelo de Vide - Marvão, aconselha-se a visita do **Centro de Interpretação do Megalitismo**, instalado num antigo paiol do castelo de Castelo de Vide, da **Anta da Melriça**, do **Parque Megalítico dos Coureiros** (Anta 2) e do **Menir da Meada**; e, na Aldeia da Mata (Crato/Flor da Rosa), da **Anta Grande do Tapadão**, uma das mais bonitas e melhor conservadas de todo o Alentejo. Muitos outros monumentos poderão ser observados. Basta treinar o olhar para os descobrir dispersos pelo campo. Alguns percursos pedestres de natureza, que vivamente aconselhamos, são a melhor forma de os encontrar e, também, de sentir como é exemplar a aliança milenar que aqui se forjou entre a paisagem e o património. *(O Alentejo é Natureza)*



> O **Cromeleque dos Almendres** é um espectacular conjunto de 95 monólitos, alguns dos quais apresentam insculpturas de cariz esquemático-geométrico ou astral. Embora permaneçam em aberto muitas questões sobre este tipo de monumentos, é possível que as teorias que os relacionam com o culto dos astros possam ter algum fundamento. Escavações recentes comprovaram que muitos dos monólitos se encontram ainda na sua posição original e que o monumento data de período entre o Neolítico e o Calcolítico. Enquadrado por um exuberante montado, oferece uma excelente vista sobre a cidade de Évora.

ROMA NO ALENTEJO

O período romano no Alentejo iniciou-se no séc. II a.C. e prolongou-se até à queda do Império, no séc. V. Desses tempos e da sua influência em épocas posteriores, ficaram-nos múltiplas memórias: da exploração mineira e da agricultura feita em grandes propriedades coroadas por casas luxuosas e ricamente decoradas (as *villae*); das indústrias de cerâmica, de extracção de sal, de salga de peixe e de construção naval; das fortalezas, templos, pontes, calçadas, santuários, teatros, barragens, aquedutos; dos municípios como estrutura base da administração local. E ficou-nos, obviamente, o latim como língua-mãe do português.

Os vestígios deste período podem visitar-se em e a partir de núcleos urbanos. Tome nota e integre estes sítios no seu itinerário. (*O Alentejo é Natureza, O Alentejo é Ruralidade*)

No eixo Marvão – Alter do Chão – Monforte, veja a **Civitas de Ammaia** (S. Salvador de Aramenha, Marvão); a **ponte de Vila Formosa** (estrada Alter do Chão – Ponte de Sor); a **villa de Torre de Palma** (estrada Monforte – Cabeço de Vide); e o **Núcleo Museológico da Igreja da Madalena** (Monforte).

Em Évora, a **muralha romano-godo-árabe**, o **Templo Romano**, as **Termas dos Paços do Concelho**, o **Arco de D. Isabel** e a **Casa de Burgos** (Centro Histórico); fora da cidade, as **Termas da villa de Tourega** (estrada Évora – Alcáçovas).

Entre Alvito, Vidigueira, Cuba e Beja, a **ponte de Vila Ruiva** (estrada Vila Ruiva- Albergaria dos Fusos) e a **villa de S. Cucufate e Casa do Arco** (Vila de Frades).

Em Beja, as **Portas de Évora e de Avis**, os gigantescos **capitéis** junto ao Museu Regional e o **Núcleo Museológico Romano da Rua do Sembrano**, onde se encontram também importantes vestígios da Idade do Ferro.

Entre Beja, Castro Verde e Mértola, a **villa de Pisões** (estrada Beja – Aljustrel, junto a Penedo Gordo); o **Museu da Lucerna** (Castro Verde); e o **Núcleo Museológico Romano** (Mértola).

No Litoral, a **Estação Arqueológica de Miróbriga** (Santiago do Cacém) e a **Cripta Arqueológica do Castelo** (Alcácer do Sal), localizada nos subterrâneos do antigo Convento de Aracoeli.



> **Miróbriga** foi habitada, pelo menos, desde a Idade do Ferro até ao séc. IV d.C. e conheceu o seu maior desenvolvimento no período romano. Na zona mais elevada foi erigido o *fórum*, no centro do qual são visíveis dois templos, eventualmente dedicados aos cultos Imperial e de Vénus. Numa das zonas mais conservadas do complexo, destacam-se as termas. Afastado do centro, encontra-se o hipódromo, o único do género conhecido em todo o país. Dispõe de um Centro de Acolhimento e Interpretação e Loja. Visitas guiadas com marcação prévia, para grupos (mínimo 5 pessoas). Entradas pagas.

Horário - 3ªfeira a Sábado: 9h-12h30 / 14h-17h30; Domingo: 9h-12h / 14h-17h. Encerra à 2ª feira e feriados de 1 de Janeiro, Domingo de Páscoa, 1 de Maio e 25 de Dezembro.

ATMOSFERAS ÁRABES

O período da ocupação árabe, iniciado no séc. VIII, teve, no sul do país, uma duração de quase 500 anos. Desta longa vivência partilhada, herdámos plantas e técnicas agrícolas, sistemas de captação e reserva de água, hábitos alimentares, várias centenas de palavras, técnicas construtivas, gostos decorativos, estilos artísticos, ambientes urbanos. São muçulmanos os arquétipos de muitos dos nossos castelos da Reconquista e várias igrejas cristãs foram reedificadas sobre primitivas mesquitas. **Mértola**, a vila mais árabe de Portugal, é o sítio certo para se compreender esta herança. Último porto interior da grande via fluvial que era o Guadiana, Mértola foi um activo entreposto comercial desde o período pré-romano, prestigiado *municipium* durante a ocupação romana, **capital de um reino muçulmano no período islâmico** e primeira sede dos cavaleiros da Ordem de Santiago.

A **Mesquita**, posteriormente adaptada a igreja cristã, é o único espaço religioso árabe conservado no nosso país. O **Núcleo Museológico Islâmico**, com um valioso espólio fruto de 20 anos de investigação, oferece-nos o melhor testemunho e a mais pedagógica lição sobre riqueza do período da ocupação árabe do sul de Portugal.

Mas não é só a Mesquita e este Núcleo, a que se juntam vários outros temáticos espalhados pela vila, que justificam a visita de Mértola. O que a torna ímpar é que **todo o seu Centro Histórico é um campo activo de trabalho arqueológico**. Graças ao empenho diário de uma equipa de investigadores e técnicos, podemos ver ao vivo como se desvenda a História, encontrar os arqueólogos na rua à volta das suas escavações e tomar contacto com eventuais novas descobertas. A forma como este projecto transformou a paupérrima vila de há alguns atrás num ponto de referência de múltiplos itinerários culturais europeus e mundiais, faz de **Mértola uma experiência demonstrativa**, com uma dimensão talvez única no país, do papel que a Cultura pode ter no desenvolvimento sustentável de um lugar. Se quiser visitá-la em tempo de festa, escolha as datas em que ela é de arromba: durante o **Festival Islâmico**, anos ímpares, no mês de Maio. (*O Alentejo é Natureza, O Alentejo é Ruralidade, O Alentejo é Gastronomia e Vinhos*)



> A **Mesquita de Mértola** é a única existente em território nacional ainda reconhecível como tal na sua volumetria e elementos decorativos. Apesar da sua adaptação a templo cristão, chegaram até nós quatro portas de arco ultrapassado (em ferradura) com o seu *alfis*, o *mirhab* e o compartimento do *minbar*. O *mirhab* ainda apresenta uma decoração esculpida em gesso cuja policromia já desapareceu. O compartimento do *minbar* ladeia o *mirhab* e guardava o púlpito móvel necessário à liturgia muçulmana. Pensa-se que a construção ou profunda reparação da mesquita deve datar de finais do século XII, durante a dinastia *almohade*.



> **Mourarias.** Após a Reconquista, foram muito os Mouros que aceitaram as normas que lhes foram impostas para permanecerem no País. Este processo originou a criação das **Mourarias**, à época localizadas para lá dos limites dos núcleos urbanos. Estes bairros, hoje integrados no casario das vilas e cidades, guardam alguns, poucos, testemunhos da sua presença mas mantêm a toponímia como acontece, entre outros casos, em Évora, Beja e Moura.



PASSEIOS COM CASTELOS

Castelos, fortes, atalaias e vilas fortificadas pontuam toda a paisagem do Alentejo atestando que, consolidada a Reconquista com a ocupação definitiva do Sul, foi necessário continuar a defender as fronteiras do território: a leste, respondendo a guerras com Espanha; a oeste, prevenindo ataques vindos do mar; em todo o interior, para travar avanços não contidos na linha da raia.

Quem quiser viajar levando na bagagem o tema das fortificações, excelente pretexto para conhecer alguns lindíssimos **centros históricos** que nasceram à sua protecção, tem ao seu dispor uma lista interminável de lugares, cada um com a sua singularidade histórica e o seu enquadramento paisagístico: no Norte Alentejano, **Amieira do Tejo, Nisa, Belver, Castelo de Vide, Marvão, Portalegre, Alegrete, Alter do Chão, Cabeço de Vide, Avis, Arronches, Ouguela, Campo Maior e Elvas**; no Alentejo Central,



> **Fortaleza de Marvão.** Construída no morro mais inóspito, abrupto, inacessível e escarpado da Serra do Sapoio, testemunhou, no séc. IX, as atribulações do rebelde do Islão, Ibn Maruan, nome célebre de que terá nascido o topónimo Marvão. Foi, depois, um posto avançado para as tropas cristãs entre os séculos XII-XIII e palco de toda a posterior História de Portugal até às Guerras Peninsulares e Liberais do séc. XIX. Exemplarmente conservada e com todas as fases da sua evolução bem documentadas, Marvão pode ser considerada como um paradigma da história de grande parte das fortalezas do Alentejo. Só por isso, seria digna de visita. Mas Marvão tem outros encantos. Contra todas as evidências, a pequena povoação que nasceu e cresceu à sombra do castelo, com o casario trepando ao sabor dos acidentes do morro, naquele local ermo a que chamam “ninho de águias”, permaneceu intacta, durante séculos e séculos apertada pela mesma cerca. E assim se mantém hoje, como exemplo da arquitectura erudita e popular, entre a ancestral austeridade do granito e a renovada leveza da cal.



DF

Montemor-o-Novo, Arraiolos, Évora, Evoramonte, Estremoz, Veiros, Borba, Vila Viçosa, Juromenha, Alandroal, Redondo, Terena, Monsaraz, Mourão, Portel e Viana do Alentejo; no Baixo Alentejo, **Beja, Alvão** (hoje Pousada), **Moura, Noudar, Serpa e Mértola;** no Litoral Alentejano, **Alcácer do Sal** (hoje Pousada), **Santiago do Cacém, Sines, Pessegueiro e Vila Nova de Milfontes** (hoje Turismo de Habitação).

Os apreciadores da arquitectura militar devem visitar, pelo menos, as imponentes **torres de Menagem de Beja e Estremoz**, ambas dos sécs. XIII-XIV; a **ermida-fortaleza de Nossa Senhora da Boa Nova de Terena**, um dos monumentos mais raros do país; e **Elvas**, justamente considerada como **Cidade-Museu de Fortificações**. Como visita obrigatória para todos, seja qual for o motivo temático da viagem, destacamos a **vila-fortaleza de Marvão**. (*O Alentejo é Natureza, O Alentejo é Ruralidade*)



AMBIENTES CONVENTUAIS

Tudo começa, uma vez mais, nos tempos da Reconquista, quando reis e ordens militares religiosas juntam esforços para pôr termo à ocupação dos “infiéis”. Desde os primórdios da Nacionalidade ao séc. XIX, primeiro pelo apoio militar, depois pela nem sempre pacífica missão de civilizar, evangelizar, educar e, nos tempos negros da Inquisição, de defender a ortodoxia católica, o Clero, regular e secular, desempenhou um papel relevante em Portugal.

O Alentejo não foi excepção, pelo contrário. Não é por acaso que grande parte do seu património é de natureza religiosa e que, durante séculos, a igreja e as ordens religiosas foram as maiores latifundiárias da Região.

No séc. XIX, deu-se um grande volte-face na História: foram extintas, por decreto, as ordens religiosas em Portugal, e os seus bens ou ficaram na posse do Estado ou foram vendidos em hasta pública a algumas abastadas famílias da época.

No que respeita aos conventos, o problema não tardou a colocar-se: o que fazer com estes edifícios, muitos com grande valor patrimonial, agora sem a sua original função?

Duas das respostas dadas interessam sobremaneira a quem visita o Alentejo. Uns foram adaptados a museus, como o **Convento de S. Domingos** em Montemor-o-Novo, o **Convento de N.ª S.ª da Conceição** em Beja, e o **Convento de S. Francisco** em Mértola.

Outros foram transformados em unidades hoteleiras, inicialmente estatais – as Pousadas –, experiência que, a partir de finais do séc. XX, serviu de inspiração à iniciativa privada.

É esta história que permite que hoje, no Alentejo, seja possível viver por dentro ambientes requintadamente conventuais. Os exemplos são muitos: no Crato, o **Mosteiro da Flor da Rosa**; no Redondo, o **Convento de S. Paulo**; em Arraiolos, o **Convento de Nossa Senhora da Assunção**; em Évora, os **conventos dos Lóios e do Espinheiro**; em Vila Viçosa, o **Convento das Chagas**; em Beja, o **Convento de S. Francisco**. Pelo cuidado posto na sua recuperação são todas visitas a não perder.

Serviços Turísticos: Onde dormir



O ALENTEJO DAS DESCOBERTAS

Entre os séculos XV e XVIII, Portugal viveu tempos de grande prosperidade. Por maiores que tenham sido os custos humanos da epopeia dos Descobrimentos, é um facto que ela se traduziu numa riqueza sem precedentes, fruto do activo comércio de especiarias, ouro e pedras preciosas, que teve a sua principal fonte na Índia e no Brasil. O Alentejo que, nesta época, foi várias vezes morada de reis, participou e beneficiou deste movimento. Ergueram-se casas nobres, palácios, igrejas e conventos, construíram-se obras de monta como os aquedutos da Água da Prata, em Évora, e da Amoreira, em Elvas, fizeram-se lindíssimas fontes e pelourinhos, criou-se e embelezou-se o existente. Chamaram-se artistas nacionais e estrangeiros, trabalhou-se com mestria a pedra e a madeira, desenvolveu-se a pintura, a escultura e as artes decorativas, numa palavra, tudo se fez para que o futuro ficasse marcado por obras grandiosas, erguidas para glória dos homens e de Deus.

Sucederam-se os estilos – gótico, renascença, maneirista, barroco, neoclássico –, como nos outros países da Europa. Mas em Portugal aconteceu uma originalidade a que se chamou **estilo manuelino**. Embora o nome venha directamente do rei D. Manuel, feliz monarca em cujo reinado se chegou à Índia e se descobriu o Brasil, este estilo antecede-o e vive para além da sua morte. Tem as suas raízes no gótico tardio e, no Alentejo, bebe também no mudejarismo, dando origem a curiosos exemplares de manuelino-mudéjar. Na sua fase final, convive com a renascença e o maneirismo. Uma vez que o essencial de todo este património foi construído nas cidades e vilas que farão parte de qualquer viagem pela Região, a forma mais prática de o apreciar é fazer os **roteiros turísticos urbanos** aí disponibilizados pelos postos de Turismo. São bastante completos. Combinam o património religioso e militar com a arquitectura civil, erudita e popular, perspectiva que proporciona estimulantes passeios a pé pelas ruas mais antigas e saborosas dos Centros Históricos. (*O Alentejo é Ruralidade*)

Quem tiver pouco tempo, poderá optar por fazer o seu pequeno passeio pela História num único monumento: muitos deles incluem elementos de todos estes períodos e tiveram a sua origem no período medieval. É o caso, entre outros, da **Catedral de Évora** (sécs. XIII-XVIII), da **Igreja de S. Francisco**, em Estremoz (sécs. XIII-XVIII), da **Igreja de Santa Maria da Feira**, em Beja (sécs. XV-XVIII) ou da **Igreja de Santa Maria do Castelo**, em Alcácer do Sal (sécs. XIII-XVIII). Os amantes de museus não deverão perder o **Museu Municipal de Portalegre**, o **Museu Municipal do Crato**, o **Museu Regional de Évora**, os **Núcleos Museológicos do Paço Ducal de Vila Viçosa** e o **Museu Regional de Beja**.

A título de mera referência e, dada a abundância do existente, correndo o risco de grandes injustiças, sugerimos-lhe a visita de alguns expoentes significativos do **manuelino**, da **renascença** e do **barroco**.

Manuelino

O período manuelino deixou-nos centenas de obras de arte ao nível da arquitectura, da escultura, da pintura, da iluminura, da gravura, da cerâmica de uso, do azulejo, da ourivesaria. Descobri-las é quase uma inevitabilidade.



Se quiser ter uma visão rápida de um conjunto diferenciado de expressões desta época, desloque-se à pequena vila de **Alvito**, onde, no curto espaço de uma manhã, pode ver o **Pelourinho**, o **Paço acastelado** (hoje adaptado a Pousada), o **portal da Igreja Matriz**, a **ermida de S. Sebastião** e, ainda, percorrer a quase totalidade das suas ruas em busca de portais da época, levando como guia o **Roteiro do Alvito Manuelino**.

A poucos quilómetros, em Viana do Alentejo, vale a pena completar este passeio com a visita do **Castelo** e da **Igreja Matriz**. Se o Manuelino o atrai, para além de algumas obras de referência que se encontram nos centros históricos das principais cidades e vilas da região, não deixe de visitar a **antiga Sé de Elvas** e, no **Paço Ducal de Vila Viçosa**, as salas da **Armaria**.

Renascença

Se entendermos o Renascimento como um movimento cultural que associa o gosto pelos arquétipos da cultura clássica e a promoção mecénica da criação artística, um dos exemplos mais marcantes desta época no Alentejo é, sem dúvida, a “Corte na Aldeia” que foi **Vila Viçosa** nos séculos XVI-XVII. Visitar o seu *ex-libris* – o **Paço Ducal** – e os principais monumentos do seu riquíssimo património pode ser uma forma muito interessante de compreender a história deste período. Para a completar, será também importante olhar, nesta perspectiva, o próprio



traçado urbano da então nova vila extramuros, com a sua geometria tão característica do racionalismo renascentista.

Mas são muitos outros os lugares onde podem descobrir-se as várias expressões desta época, da arquitectura civil e religiosa à escultura e à pintura.

No campo da arquitectura, o nosso destaque vai para a **Igreja da Misericórdia** de Beja. Tem uma história curiosa: foi projectada pelo arquitecto Diogo de Torralva como uma *loggia* civil destinada a servir de açougue mas, dada a beleza do edifício, foi entregue à Santa Casa logo no séc. XVI, fazendo-se na segunda metade desse século a sua adaptação a igreja. Pode contemplar a parte aberta deste monumento, a qualquer hora do dia ou da noite, na Praça da República.

Ainda deste período, muito marcado pela construção das igrejas-salão, algumas de feição já maneirista, vale a pena ver, pela sua originalidade e beleza, a **Igreja do Bom Jesus**, em Valverde (Évora) e a **capela das Onze Mil Virgens** da Igreja de Santo António, em Alcácer do Sal. Não têm horário de abertura ao público mas, no Alentejo, a vontade forte de visitar um interior costuma operar verdadeiros milagres.

Se se interessa por pintura e escultura, não deixe de apreciar, em Portalegre, dois expoentes incontornáveis: a melhor colecção de **pintura maneirista** da Região, que se encontra na **Sé**; e, no **Mosteiro de S. Bernardo**, o **conjunto escultórico do Túmulo do Bispo Fundador**, D. Jorge de Melo, atribuído a Nicolau de Chanterenne. Do mesmo autor,



são de realçar dois outros conjuntos muito singulares, patentes nas fachadas da **Igreja da Graça**, em Évora, e na **Igreja Matriz** de Arronches.

Barroco

É no reinado de D. João V (1707-1750), período em que a paz e a riqueza se congregaram com a vontade régia de afirmar a grandeza do país, que a arte barroca atinge o seu apogeu em Portugal. Nela se cruzam importantes contributos de artistas nacionais e estrangeiros, que, como acontece nos períodos anteriores, nos deixam as suas marcas na arquitectura, na escultura, na pintura e, o que é especialmente importante no barroco nacional, nas mais diversas artes decorativas. A talha de madeira dourada e policromada é considerada, a par do azulejo, a mais original manifestação artística portuguesa desta época.

Propomos-lhe que comece a sua descoberta deste período em Portalegre, reconhecida como capital do barroco do Norte Alentejano. Mais do que ver interiores, experimente sentir ambientes através do

Roteiro das Casas Brasonadas, disponível no Posto de Turismo.

Conjugado, quer com o **Roteiro da Cidade** quer com o **Roteiro das Fontes**, é uma forma bem interessante de conhecer o património portalegrense. (www.cm-portalegre.pt) Se quiser visitar um interior, opte pelo **Palácio Achioli**, onde hoje funciona a Escola Superior de



AC



Educação: suba a escadaria em granito na companhia de belos painéis de azulejos do séc. XVIII e peça para espreitar o Salão Nobre. Prosseguindo viagem nesta região, pode apreciar vários **palácios, casas nobres, igrejas e fontes** referidos nos roteiros urbanos de algumas vilas que, também por outras razões, vai seguramente querer visitar: Crato, Alter do Chão, Monforte, Fronteira ou Avis. Em Alter do Chão, não perca o **Palácio do Álamo**, onde estão instalados o Posto de Turismo e alguns serviços culturais da Câmara Municipal. Entrando no Alentejo Central, as dificuldades de escolha avolumam-se. Se tiver pouco tempo, veja: em Estremoz, a antiga **Armaria de D. João V**, actual Pousada da Rainha Santa Isabel; em Borba, os **Passos Processionais**, esculpidos em mármore; e, no Redondo, o extraordinário conjunto de **azulejos do Convento de S. Paulo**. Em Évora são de visita obrigatória: a **Capela-Mor** da Catedral, projectada por Ludovice, o arquitecto do célebre Convento de Mafra; a **Capela do Calvário** da Igreja de S. Francisco, talvez a mais espantosa obra de talha joanina do Alentejo; e as igrejas de **S. João Evangelista** (Lóios), da **Misericórdia** e das **Mercês**, esta última transformada em Núcleo de Arte Sacra do Museu Regional.

Para terminar em beleza este pequeno roteiro, faça mais umas dezenas de quilómetros e será presenteado, em Beja, com a surpreendente pérola do barroco que é a **Igreja dos Prazeres**. Rigorosamente a não perder.



Adega Mayor. Inspiradas no essencial da arquitectura rural, as obras dos tempos de hoje pintam as cidades e o campo com edifícios assumidamente contemporâneos, minimalistas, sóbrios e muito bem integrados na paisagem.

NO TERCEIRO MILÉNIO

Dêmos agora um salto até aos nossos dias, deixando pelo caminho os revivalismos do séc. XIX, a arquitectura do ferro que acompanhou a chegada do comboio ao interior, os modernismos do princípio do séc. XX e a pesada arquitectura que caracterizou o período do chamado Estado Novo dos tempos da ditadura de Salazar.

Desses tempos, retenhamos os **painéis de azulejos das estações de caminho de ferro**, lugares a visitar; e uma referência simbólica cheia de futuro: foi em 1919 que se criou, em Évora, a primeira associação civil para a defesa do Património – o Grupo Pró-Évora – que, antecipando-se a causas muito posteriores, defendeu a muralha de Évora do seu desmantelamento, propôs a classificação de dezenas de monumentos da cidade e promoveu a limpeza do magnífico Claustro da Sé, à época cheio de entulho.

A partir da segunda metade do século XX, iniciou-se no Alentejo um processo de reabilitação urbana dos seus centros históricos, que nos permite, hoje, experimentar ao vivo uma interessante aliança entre o passado e a contemporaneidade. Recuperou-se o antigo, atribuíram-se novas funções a monumentos que, de outra forma, teriam sido destruídos pelo tempo, mas também se fez obra nova. Escultores do nosso tempo foram convidados a embelezar praças e jardins, e arquitectos de renome foram e continuam a ser chamados para projectar obras tão díspares como novas urbanizações, equipamentos culturais, igrejas, adegas ou habitações particulares. Inspiradas no essencial da arquitectura rural, pintam as cidades e o campo, este por natureza conservador, com edifícios assumidamente contemporâneos, minimalistas, sóbrios e muito bem integrados na paisagem.

Se quiser apreciar alguns, veja o **Bairro da Malagueira em Évora** (projectado como habitação social) e a **Adega Mayor em Campo Maior**, ambos com a assinatura de Siza Vieira; o **Centro de Artes de Sines**, do Atelier Aires Mateus; o **Fluviário de Mora**, do Atelier Promontório Arquitectos; a **Adega da Herdade de Rocim**, em Cuba, de Carlos Vitorino; ou, completamente inesperada numa minúscula aldeia alentejana, a nova **Igreja Paroquial de Albergaria dos Fusos**, de Victor Figueiredo e Jorge Filipe Pinto.

Estes e muitos outros, como as **esculturas de João Cutileiro** em Évora, ou a aposta de Elvas no seu **Museu de Arte Contemporânea** – instalado num edifício barroco do séc. XVIII – são sinais dos tempos a não perder.



>> >> >>

O ALENTEJO É NATUREZA

O Alentejo tem uma clara vocação para o Turismo Activo e de Natureza. A beleza da paisagem convida aos passeios a pé, em btt e a cavalo, e as estradas municipais, apesar da ausência de ciclovias, são excelentes para cicloturismo. Nos rios, nas albufeiras e na costa são possíveis múltiplas actividades náuticas. As praias são de eleição. E o céu, com este fantástico clima, é ideal para o paraquedismo, o parapentismo, os passeios em ultra-leve e o balonismo.



PASSEIOS ORGANIZADOS

Quem gosta de viajar em autonomia deve estar consciente de que não encontra, em todos os lugares do Alentejo, os apoios a que está habituado em locais já mais consolidados como destinos de turismo de natureza. Quem não gosta de imprevistos, ganhará em combinar algumas explorações por conta própria com o recurso a passeios organizados. A oferta das empresas locais é ampla: inclui passeios a pé e em btt, safaris em 4x4, passeios a cavalo, escalada, cicloturismo, canoagem, cruzeiros marítimos e fluviais, observação de fauna e flora, surf, windsurf, mergulho, vela, pesca desportiva e golfe. Algumas unidades hoteleiras e de turismo rural integram actividades de natureza nas suas propostas de alojamento.

Este tipo de oferta, conjugada com excelentes condições ao nível da hotelaria e da restauração, tem contribuído para que o Alentejo seja, também pelos seus recursos naturais, cada vez mais procurado por grupos de empresa que aqui fazem os seus incentivos e programas de formação *outdoor*.

Serviços Turísticos: Onde dormir, Onde comer, O que fazer

Muito importante. Quem viaja em autonomia, antes de partir para qualquer passeio na natureza deve informar-se nos postos de Turismo sobre eventuais actividades cinegéticas na zona.



O TEJO NO ALENTEJO, ENTRE NISA E BELVER

O que lhe propomos é a descoberta de um Tejo desconhecido, bem diferente do que vemos desaguar no amplo estuário que banha Lisboa. Primeiro na região de **Nisa**, depois, junto a **Belver**.

Em Nisa, um município que tem investido fortemente no pedestrianismo, faça os seus vários percursos pedestres, todos PR (Pequena Rota), que oferecem paisagens inesperadas da bacia do Tejo e da serra de S. Miguel. Os folhetos de interpretação estão disponíveis no Posto de Turismo e, para download, no website www.cm-nisa.pt/desporto_percursospedestres.htm. A sinalização tem sido mantida de uma forma exemplar.

Caso só tenha tempo para alguns, sugerimos-lhe três: o PR1, "**Trilhos das Jans**" (início em Amieira do Tejo, 12,6 kms, dificuldade média); o PR8, "**Trilhos do Moinho Branco**" (início em Montalvão, 14 kms, dificuldade média); e o PR4, "**Trilhos do Conhal**" (início em Arneiro, 9,8 kms, dificuldade média). Este último é uma interessante incursão pela **Mina de Ouro Romana do Conhal**, extensa escombreira formada por amontoados de seixos, que testemunha a extracção de ouro que aqui terá tido lugar nas épocas romana e medieval. Este local faz parte dos geomonumentos integrados no **GeoPark Naturtejo**, um dos 30 GeoParks europeus classificados pela UNESCO. (www.naturtejo.com)



Os amantes de fortalezas, de boas vistas e de canoagem devem prosseguir viagem até **Belver**. Do alto deste castelo tem-se uma panorâmica de excepção sobre o rio Tejo. Na outra margem encontra-se a **Praia Fluvial da Quinta do Alamal**, com vários serviços de apoio, entre os quais o aluguer de canoas e outras embarcações que lhe permitirão, finalmente, navegar no Tejo, aqui em águas calmas represadas por uma das barragens mais antigas de Portugal. Não deixe de trilhar os 2 kms do magnífico **percurso ribeirinho** todo assente em estacas de madeira, que foi construído entre a ponte e a Quinta do Alamal.

Para fechar com chave de ouro qualquer programa nesta zona, tem ainda que reservar um dia para fazer **de comboio** o troço da Linha da Beira entre Belver e Fratel. Tenha em atenção os horários porque não foram concebidos para passeios turísticos de ida e volta.

(O Alentejo é Património, O Alentejo é Ruralidade, O Alentejo é Gastronomia e Vinhos).



PARQUE NATURAL DA SERRA DE S. MAMEDE

No Parque Natural da Serra de S. Mamede a natureza exprime-se de uma forma especialmente exuberante. Muito rica sob o ponto de vista geológico, chamam de imediato a atenção do viajante os imponentes quartzitos da serra, que marcam a paisagem com bizarras esculturas. Na zona norte, os castanheiros e carvalhos partilham o território com sobreiros e azinheiras, enquanto as vinhas, aliadas às oliveiras, crescem nas encostas mais ou menos suaves que marginam as ribeiras. Para sul, afirma-se a grande propriedade. É o Alentejo dos "montes", das explorações pecuárias em natural simbiose com o montado e das pequenas aldeias de casario térreo caiado, envolvidas por hortas e pomares.

Apesar das pressões da ocupação humana, a fauna é abundante: aves raras como a águia de Bonelli e o grifo, os gaviões, as águias cobreiras, os peneireiros-cinzentos, o bufo-real, a coruja-do-mato e



muitas outras, convivem com o javali, o veado, o texugo, o saca-rabos, o gato-bravo, a raposa ou o vulgar coelho.

A história dos homens deixou marcas milenares em antas, menires, castros, pontes romanas e quinhentistas e, também, numa rede imensa de calçadas, algumas das quais estão integradas nos percursos pedestres do Parque Natural.

Neste Parque estão sinalizados **oito percursos**. Os folhetos estão disponíveis na Quinta dos Olhos d'Água, sede do Parque (S. Salvador de Aramenha) e nos postos de Turismo de Marvão e Arronches. Os percursos de **Marvão (8 kms)**, **Galegos (11,5 kms)**, **Alegrete (11 kms)** e **Esperança (16 kms)**, todos acessíveis a qualquer pessoa em boa condição física, dão, no conjunto, uma imagem bastante completa da paisagem do Parque. Os dois últimos podem ser feitos em btt. Antes de partir, informe-se sempre sobre o estado da sua sinalização. Nas **Penhas de Portalegre**, os praticantes de **escalada** encontram as únicas paredes equipadas autorizadas nesta Área Protegida. Para os **cicloturistas**, as estradas secundárias e municipais do Parque são um verdadeiro paraíso para descobrir.

(O Alentejo é Património, O Alentejo é Ruralidade, O Alentejo é Gastronomia e Vinhos)



CENTRO ECOTURÍSTICO DA RIBEIRA GRANDE

A paisagem que se estende entre Fronteira e Monforte é de uma beleza irresistível: são os ondulados prados verdejantes onde pastam ovelhas e gado bravo; os olivais, muito ordenados, a trepar pelas colinas; o montado de sobro e azinho, com estonteantes jogos de luz e sombra; as vinhas a mudar de cor ao longo das estações; as milhares de flores silvestres a pintar os campos quando irrompe a primavera. E é o vale da Ribeira Grande. Com uma vegetação densa e frondosa, dezenas de espécies de aves, ruínas de velhos moinhos de água e curiosos vestígios históricos como as Grutas-Santuários de S. Bento das Lapas, que só conhece quem se aventura a andar a pé.

A melhor actividade de descoberta que lhe propomos nesta zona é, precisamente, um percurso pedestre: a **“Rota da Ribeira Grande”** (PR2, 9 kms, nível de dificuldade médio com alguns declives acentuados), que parte e termina no **Centro Ecoturístico da Ribeira Grande**, junto a Fronteira. No Posto de Turismo encontra um folheto de interpretação do percurso, um Guia de Observação da Avifauna da região e, também, apoio informativo para conhecer o **património** desta bela vila.



No caminho para o ponto de partida, suba à **Igreja da Senhora da Vila Velha**, visite-a que vale a pena, e encha os olhos com a panorâmica que se desfruta do miradouro. Não se esqueça de levar farnel: as 3 ou 4 horas previstas para o passeio são curtas para gozar os sítios que vai encontrar.

No regresso, descanse na Praia Fluvial e informe-se sobre a programação do **Centro de Observação Astronómica** integrado neste complexo. Se for noite de observar o céu, não perca: no Alentejo é de excepção.

Se gosta mesmo de andar a pé, tem mais quatro percursos PR sinalizados. Se o tempo for escasso, deve fazer pelo menos mais um: a **“Rota da Serra das Penas”** (PR 5, 11 kms, cerca de 3h30m, dificuldade baixa), excelente pretexto para conhecer a vila de **Cabeço de Vide**, o seu Centro Histórico, as suas antiquíssimas azinhagas e as **antas da Serra das Penas**. Estando em Cabeço de Vide, visite também as **Termas da Sulfúrea**, junto da antiga Estação de Caminho de Ferro, hoje transformada em hotel, e na qual se conservam característicos painéis temáticos de azulejos da autoria de Jorge Colaço.

Se prosseguir para **Vaiamonte** rumo a **Monforte**, tem novo encontro com a Ribeira Grande na **Praia Fluvial da Ponte Romana**.

(O Alentejo é Património, O Alentejo é Ruralidade, O Alentejo é Gastronomia e Vinhos).



AC

DO PARQUE ECOLÓGICO DO GAMEIRO ÀS BARRAGENS DE MONTARGIL E DO MARANHÃO

Passar umas horas de lazer no **Parque Ecológico do Gameiro** e visitar o **Fluviário de Mora** é um programa para gente de todas as idades. O acesso faz-se a partir de **Cabeção**, terra de pequenas adegas e bons vinhos do produtor. (www.fluviariomora.pt)

O Parque integra o Açude do Gameiro, onde se pode tomar banho, passear de gaivota e fazer canoagem num troço com cerca de 3 kms. As embarcações alugam-se no local.

Para a **pescagem desportiva**, a ribeira Raia tem uma zona de concessão com quase 10 kms e duas pistas: uma na margem esquerda, com 200 pesqueiros, e outra na margem direita, com 65. Das muitas e abundantes espécies piscícolas destacam-se o achigã, o barbo, a boga, o bordalo, a carpa, a pardelha, o perca-sol, o pimpão e a enguia. O **Fluviário**, interessante aquário de água doce, oferece-nos o



“Percurso de um Rio”, exposição viva e interpretada da fauna fluvial, das nascentes até à foz: a par e passo, entre afloramentos rochosos e margens arenosas, vamos descobrindo os misteriosos habitantes do leito, dos pegos, dos ribeiros, das cascatas, das albufeiras, das zonas de migração, do estuário, da foz. No fim deste percurso, surge a surpresa do *habitat* das ágeis e divertidas lontras, que tem como miradouro privilegiado a parede de vidro do restaurante, que limita uma parte deste recinto.

(O Alentejo é Património, O Alentejo é Gastronomia e Vinhos)

Montargil e Maranhão

Estando em Cabeção, é um pulinho até Montargil e Maranhão, duas barragens responsáveis por lindíssimos espelhos de água do Norte Alentejano, ideais para a prática de desportos náuticos.

Montargil é uma verdadeira estância balnear onde pode fazer-se ski aquático, vela, windsurf, remo, hovercraft e pesca desportiva.

A albufeira do **Maranhão**, hoje equipada com um complexo de lazer integrado no novo Parque de Campismo do município, constitui mais um lugar alentejano onde a beleza da paisagem se associa intimamente à riqueza do património. Sobranceira ao lago ergue-se a vila de **Avis**, com um **centro histórico** que merece visita.

De automóvel ou de bicicleta, o passeio mais simples e bonito a fazer na zona é o percurso **Avis – Ervedal - Figueira e Barros - Benavila**. Em Benavila, seguindo a direcção de Alter do Chão, encontra-se, logo após a travessia da primeira ponte, a singela **ermida da Senhora de Entre Águas**.

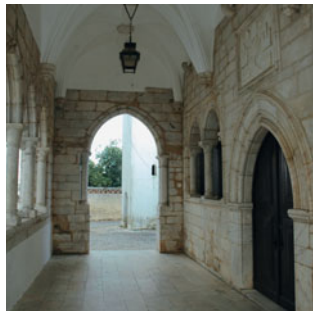
(O Alentejo é Património, O Alentejo é Ruralidade, O Alentejo é Gastronomia e Vinhos)



SERRA D'OSSA E ZONA DOS MÁRMORES

A Serra d' Ossa, com uns escassos 650 m de altitude, é a principal elevação do Alentejo Central. Tem uma orientação NW – SE e o seu núcleo central junta os concelhos de Estremoz, Borba e Redondo. Pelas suas vertentes escorrem as águas que alimentam, de um lado, a bacia do Guadiana, do outro a bacia do Tejo. Contrastando com este relevo, essencialmente xistoso, estende-se a chamada Zona dos Mármore, num eixo que liga Estremoz, Borba, Vila Viçosa e Alandroal.

Não é possível conhecer uma sem passar pela outra. Nem desejável: com uma tal diversidade paisagística e uma tão abundante riqueza patrimonial, passear nesta região é uma obrigação irrecusável. Deixamos-lhe duas sugestões: que percorra uma parte da Zona dos Mármore de bicicleta ou de automóvel; e que caminhe por alguns trilhos sinalizados da Serra d'Ossa.



Para o primeiro passeio, não precisa de grandes indicações: basta que escolha as estradas secundárias que ligam os núcleos urbanos, sabendo que a melhor para ver as enormes crateras das explorações de mármore é a que liga Borba, Vila Viçosa e Bencatel. Só tem que ter cuidado porque o movimento de pesados é apreciável. Como complemento, poderá visitar o **Museu do Mármore**, em Vila Viçosa, instalado no edifício da antiga estação ferroviária. Calcorrear os **centros históricos** de Estremoz, Borba e Vila Viçosa, tendo como fio condutor a presença deste “ouro branco” nos expoentes máximos do seu património, é a chamada “cereja em cima do bolo”. (*O Alentejo é Património*)

A descoberta da Serra d'Ossa é menos evidente. Nos anos 60, foi objecto da plantação da maior mancha contínua de eucaliptos do país (6.000 ha) mas mantém, em algumas zonas, a sua originária vegetação de montado, associada aos matos de esteva, urze, tojo e rosmaninho. Embora se encontrem estes oásis mediterrânicos em vários pontos da Serra, a forma mais simples de os encontrar em autonomia é fazer alguns percursos pedestres. Sugerimos-lhe dois: o PR1 “Percurso das Antas”, 5,9 kms, fácil, com partida e chegada na aldeia do Freixo (Redondo); e o PR1 “São Gregório- Memórias da Aldeia”, 5kms, fácil, com partida e chegada na Aldeia de S. Gregório (Borba). São ambos interessantes sob os pontos de vista ambiental, paisagístico, arqueológico e, também, da observação de múltiplos aspectos da ruralidade. Os folhetos de apoio estão disponíveis, respectivamente, no Posto de Turismo de Redondo e na Aldeia de S. Gregório. (*O Alentejo é Ruralidade. O Alentejo é Gastronomia e Vinhos*).



ENTRE ÉVORA E MONTEMOR-O-NOVO

O eixo Évora - Montemor-o- Novo, para além da sua enorme valia ao nível do património monumental, tem excelentes condições para a prática do turismo de natureza. A oferta de actividades organizadas é apreciável, embora a realização de grande parte delas esteja sujeita a números mínimos de participantes (em média, 4 a 10 pessoas). Em autonomia pode fazer a Ecopista de Évora, o Percurso da Água da Prata e os Percursos Ambientais do Monfurado e da Cabrela.

A **Ecopista de Évora**, cujo traçado resulta da conversão, ainda parcial, do antigo ramal de caminho de ferro entre Évora e Mora, inicia-se dentro da cidade e estende-se até ao limite do concelho, na Herdade da Sempre Noiva, num total de 21 kms. Pode fazer-se a pé e de bicicleta.

O **Percurso da Água da Prata** segue uma parte do Aqueduto de Évora, que ainda hoje transporta água para a cidade. Foi construído no séc. XVI e sofreu reconstruções e melhoramentos a partir do séc.



XVIII. O percurso, muito interessante sob os pontos de vista patrimonial e ambiental, inicia-se na estrada Évora-Arraiolos e tem cerca de 8 kms em linha. Embora as características do seu traçado o tornem mais adequado para uso pedestre, também pode fazer-se em btt. Os folhetos de interpretação estão disponíveis no Posto de Turismo de Évora e, para download, em www.evora.net/percursos

Os Percursos Ambientais desenvolvem-se nos **Sítios de Monfurado e Cabrela**, integrados na Rede Natura 2000. Ligam várias povoações rurais dos concelhos de Évora e de Montemor-o-Novo e permitem, a par da descoberta dos valores ambientais que motivaram a sua classificação, um encontro privilegiado com os principais monumentos megalíticos da Região e com algumas actividades agrícolas e silvo-pastoris ligadas ao montado de sobro e azinho e ao olival. Pode recolher informação nos postos de turismo de ambas as cidades e no Núcleo de Interpretação Ambiental dos Sítios da Cabrela e Monfurado, localizado na antiga Escola Primária da povoação de **Baldios** (Montemor-o-Novo). Para download dos folhetos de interpretação, consulte os sites: www.evora.net/percursos e www.cm-montemornovo.pt/natura

(O Alentejo é Património, O Alentejo é Ruralidade, O Alentejo é Gastronomia e Vinhos)



TERRAS DE ALQUEVA

Foi no Alentejo, região de águas escassas, que a grande **barragem de Alqueva**, construída sobre o **rio Guadiana** entre Moura e Portel, criou o maior lago artificial da Europa. Este imenso plano de água tem uma área de 250 km², estende-se por mais de 80 kms do curso do antigo rio e os seus mil recortes perfazem 1.160 kms de perímetro. Para jusante do paredão foi construído o **Açude de Pedrógão**, parte integrante do complexo, bem visível da ponte que liga Pedrógão (Vidigueira) a Moura.

A nova beleza que nasceu com este lago é surpreendente e tem aspectos que a tornam num caso singular no conjunto das muitas albufeiras que podem encontrar-se pelo mundo fora: a paisagem tipicamente alentejana que a rodeia, feita de milhares de oliveiras, sobreiros e azinheiras; e, porque estamos em zona de fronteira, o notável património das vilas fortificadas que a defenderam ao longo de séculos e séculos.



Aos **viajantes em autonomia**, quer se desloquem em bicicleta ou de automóvel, sugerimos sem hesitação que percorram toda a envolvente do Grande Lago. As hipóteses de alojamento são múltiplas e as estradas muito panorâmicas. De todas as localidades deste percurso, são de visita obrigatória pelo seu interesse patrimonial: na margem direita, **Juromenha, Alandroal, Terena, Monsaraz e Portel**; e, na margem esquerda, **Mourão e Moura**. *(O Alentejo é Património)*. A **nova aldeia da Luz**, que sucedeu à antiga (a única povoação submersa pelas águas de Alqueva), tem um valor simbólico que a torna incontornável. Não deixe de ver o **Museu** que constitui um precioso repositório de memórias da antiga aldeia e do rio Guadiana. *(O Alentejo é Património, O Alentejo é Ruralidade, O Alentejo é Gastronomia e Vinhos)*

O que pode fazer nesta zona?

Começando pelas **atividades na albufeira**, a oferta das empresas locais já é substancial: para além da pesca desportiva de várias espécies, entre as quais o famoso achigã, fazem-se passeios em canoa ou em pequenas embarcações motorizadas, cruzeiros de vários dias e, caso único no país, alugam-se barcos-casa com uma lotação mínima de 2 pessoas e máxima de 12. Estão ainda disponíveis para alugar: embarcações para pesca desportiva, jangadas com motor, canoas e caiaques, barcos à vela, embarcações de recreio e pranchas de windsurf.



Quanto a **actividades aéreas**, a emoção espera por si. De helicóptero, de avionete ou de balão, são experiências a não perder.

No que respeita a **actividades em terra**, quem quiser recorrer a passeios organizados tem lindíssimos percursos para fazer a pé, de bicicleta, a cavalo, de charrette e de jipe.

Na zona de influência de Alqueva, os caminhantes em autonomia encontram alguns percursos sinalizados. É o caso de três PR do concelho de Alandroal: o PR1, **“Rota do Giro”** (início na Igreja de N.ª S.ª da Consolação, 4,5 kms, dificuldade média); o PR2, **“Pedra Alçada”** (início na Junta de Freguesia da Aldeia de Pias, 9 kms, dificuldade média); e o PR3, **“Passeios pelo Campo”** (início junto do cemitério de Terena, 11 kms, dificuldade média). Para mais informações, consulte o website www.cm-alandroal.pt

Existem muitos outros em projecto, nomeadamente no concelho de Reguengos de Monsaraz, onde pode desde já fazer o **Percorso do Telheiro** com início na bela fonte da aldeia. Quando visitar os postos de Turismo da região de Alqueva, actualize esta informação.



> **Noudar** é um caso à parte neste conjunto do Grande Lago. Obriga a um desvio da rota pela envolvente próxima da albufeira e vale a pena fazê-lo: pelo Castelo de Noudar, pelo famoso presunto de Barrancos (*O Alentejo é Gastronomia e Vinhos*) e pelo seu **Parque de Natureza**. Construído no âmbito das medidas de compensação previstas no Programa de Gestão Ambiental de Alqueva, este complexo tem como objectivo promover um modelo de gestão sustentável do espaço natural em associação com a agricultura agro-ambiental e o turismo. (www.parquenoudar.com) Pelos seus valores naturais, com destaque para o montado de azinho e para a avifauna (rapinas e abutres), esta zona está integrada na Rede Natura 2000.

O essencial da descoberta da paisagem ganha em fazer-se através dos três percursos, com temáticas diferenciadas, sinalizados e interpretados pelo Parque: o **Trilho Geológico-Mineiro**, o pequeno passeio **O Monte** e o percurso **A Estrada**. Podem percorrer-se em autonomia, a pé ou de bicicleta, com guias ou com guias digitais. De regresso a Moura, não deixe de passar em **Amareleja**, onde foi construída a maior Central Fotovoltaica do Mundo.



LPN

NO CAMPO BRANCO

Se aprecia os **grandes espaços abertos** e se dedica à **observação de aves**, o Campo Branco será, para si, um local de eleição.

Esta região é a mais importante zona de pseudo-estepe ou estepe cerealífera de Portugal, resultante do cultivo extensivo de cereais de sequeiro em regime de rotação com pousios. Da manutenção deste ecossistema depende a existência de muitas espécies de aves com estatuto de conservação desfavorável, como a abetarda, o peneireiro-das-torres, o sisão, o cortiçol-de-barriga-negra, o grou e o tartaranhão-caçador. Esta importância traduziu-se na sua integração na Rede Natura 2000.

Para além da pseudo-estepe, podem observar-se outras unidades paisagísticas, com uma fauna diversificada. A sua observação está hoje muito facilitada pela sinalização de seis percursos pedestres, apoiados pela brochura “**Percursos Pedestres do Campo Branco**”, realizada pela associação Liga para a Proteção da Natureza (LPN).



Como deverá proceder o viajante? Se quiser fazer um programa organizado de observação de aves, tem que **marcar a visita** no Centro de Educação Ambiental de Vale Gonçalves – o coração das herdades que a LPN adquiriu no âmbito do projecto Castro Verde Sustentável –, com um mínimo de 8 dias de antecedência, por telefone, fax ou email. Se tem equipamento próprio e prefere passear sozinho, basta-lhe ir ao Posto de Turismo de Castro Verde e adquirir o livro de percursos (www.cm-castroverde.pt). Mesmo sem marcação poderá visitar o Centro de Vale Gonçalves e fazer o Percurso 6 **“Vale Gonçalves – Pereiras”**.

Quanto às melhores épocas para fazer estes passeios, quase todos poderão fazer-se durante todo o ano, menos entre Julho e Setembro devido ao calor. Quem quiser assistir às exibições nupciais das abetardas machos, deverá optar pelos meses de Março e Abril. Seja qual for o seu programa, visite o património e viva a peculiar atmosfera que caracteriza a vila de **Castro Verde**. (*O Alentejo é Património, O Alentejo é Ruralidade*)



NO VALE DO GUADIANA

O Parque Natural do Vale do Guadiana, com uma área aproximada de 70.000 hectares, estende-se entre a zona a montante da queda do Pulo do Lobo e a ribeira do Vascão, a sul de Mértola. Inclui unidades paisagísticas bem diferenciadas: os vales encaixados do rio e seus afluentes, as elevações quartzíticas das serras de Alcaria e São Barão e uma extensa e agreste planície onde crescem arvenses de sequeiro, montados de azinho e áreas de esteval. Nas zonas mais declivosas das serras e linhas de água, com fraca intervenção humana, encontra-se ainda o chamado matagal mediterrânico, expressão da vegetação original da região. Numa palavra, estamos na parte do Alentejo onde melhor se exprime a inóspita beleza do sul. Mais. Hoje que Alqueva submergiu uma parte substancial do Guadiana, estamos também num local a todos títulos privilegiado para descobrir as memórias do rio que, a partir do Açude de Pedrógão, continua a correr livremente para o mar.



O pólo urbano nuclear deste Parque é a vila de **Mértola**. (*O Alentejo é Património, O Alentejo é Ruralidade, O Alentejo é Gastronomia e Vinhos*). As empresas locais oferecem percursos pedestres e de bicicleta, actividades de canoagem e passeios em embarcações motorizadas por todo o troço navegável do rio, que se estende entre Mértola / Pomarão e Vila Real de Santo António. Estes pequenos cruzeiros podem obedecer a programas regulares ou ser feitos por medida.

Com base na informação disponível no Posto de Turismo, sugerimos que, a pé, de bicicleta ou de automóvel, não perca sítios cheios de bucolismo como o **Moinho dos Canais**, as **Azenhas de Mértola** ou o pequeno **porto de pesca da Penha d'Águia**. Como locais de visita obrigatória sugerimos-lhe o **Pulo do Lobo** e o conjunto formado pela **Mina de S. Domingos** e a **Praia Fluvial da Tapada Grande**. Fora do Parque Natural, propomos-lhe ainda que não deixe de ver o lindíssimo troço do rio que se estende para montante, **entre o Pulo do Lobo e o Açude de Pedrógão**.

Passeio ao Pulo do Lobo

O Pulo do Lobo é o mais fantástico acidente geomorfológico do Alentejo. Para o compreendermos temos que recuar até à última glaciação – chamada glaciação de Wurm – que, na sua fase final, ocasionou uma descida do nível das águas do mar. Nesses tempos



longínquos, na foz do rio a que hoje chamamos Guadiana, ter-se-á formado uma queda que, fruto de uma onda de erosão regressiva, foi avançando lentamente para montante, cavando um leito novo no interior do antigo leito do rio. A partir de um determinado momento este processo parou, fruto do encontro com uma rocha mais dura - os grauvaques do Pulo do Lobo.

O que nos é dado observar é, pois, muito mais do que a passagem vertiginosa do rio entre margens rochosas - subitamente tão estreitas que estariam ao alcance de um “pulo” –, e a sua espectacular precipitação numa queda de quase 14 metros sobre o sereno Pego dos Sáveis. É a clara e rara visão de épocas geológicas distintas, correspondentes à formação dos dois leitos do rio: o antigo, ampla plataforma esculpida na pedra por onde corria o velho Guadiana; e, cavado no seu interior, o novo leito, aqui com a forma de um extenso corredor rectilíneo, com cerca de 12 kms de comprimento, a que se chama, sugestivamente, a “corredoiira”. Água e pedra em turbilhão, uma história de milhões de anos e, com sorte, talvez a visão da esquiva cegonha negra, é tudo o que faz do Pulo do Lobo um local de visita obrigatória.

O Pulo do Lobo tem acesso sinalizado pela margem esquerda, na estrada Mértola – Serpa, junto à povoação de Vale do Poço; e pela margem direita, na estrada Mértola – Beja, a partir de Corte Gafo. A vista mais espectacular é a da margem esquerda, embora, do lado



oposto, se observe melhor a queda. Trata-se de uma zona perigosa de ambos os lados. Para quem viaja com crianças, todo o cuidado é pouco porque não há gradeamentos de protecção.

Entre o Açude de Pedrógão e o Pulo do Lobo

O troço do Guadiana que corre entre o Açude de Pedrógão e a zona a montante do Pulo do Lobo é a mais expressiva memória viva do velho rio. Além da beleza da paisagem, da avifauna e do bucolismo dos moinhos de água, desactivados há dezenas de anos, tem quedas nas aberturas dos açudes e divertidos pequenos rápidos que animam as actividades de canoagem organizadas pelas empresas da região. O local mais acessível para o observar é a **ponte de Serpa**. Quem quiser passear por conta própria, a pé, em btt ou de jipe, chegando à povoação de **Quintos** encontra facilmente o caminho de terra, bem trilhado, que conduz ao rio. Uma vez aí, são vários os quilómetros que podem fazer-se ao longo das margens, para montante e para jusante. Estando nesta zona, não deixe de visitar o **Centro Histórico de Serpa** e de provar os reputados **queijos de ovelha** da região. *(O Alentejo é Património, o Alentejo é Ruralidade, o Alentejo é Gastronomia e Vinhos)*



ALENTEJO LITORAL

É um permanente fascínio descobrir esta parte do Alentejo que se abre ao mar. Marginando os sapais do estuário do Sado, atinge-se uma imensa linha de costa que, entre a ponta de Tróia e o cabo de Sines, toma a forma de um ininterrupto areal. No interior, onde se destaca a exuberante verdura da serra de Grândola, o montado de sobro convive com densas manchas de pinhal, os rios represam-se em belas albufeiras e a abundância da água dá vida a extensos arrozais. Subitamente, a paisagem muda. Para sul de Sines, as fantasias mais caprichosas do tempo geológico fizeram do mar e do vento seu escopro e cinzel, talhando falésias, contorcendo blocos de xisto, criando cordões dunares que bordejam areais, fazendo e desfazendo pequenas e secretas praias, definindo novos contornos à vegetação, temperando o planalto costeiro, alimentando a vida de algas, peixes, répteis, aves e mamíferos raros ...

É um museu palpitante de história e de vida natural, que mereceu a

classificação de três Áreas Protegidas: as Reservas Naturais do Estuário do Sado e das Lagoas de Santo André e Sancha, e o Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina.

PASSEIOS ORGANIZADOS

A oferta das empresas locais inclui programas em terra similares às que se encontram em todo o Alentejo interior – passeios a pé, em btt, de jipe e a cavalo – e, como seria de esperar numa zona costeira, múltiplas actividades fluviais e marítimas: passeios nos Galeões do Sal do rio Sado com observação de flamingos e golfinhos, passeios de barco e canoagem no rio Mira, pesca embarcada no mar, cruzeiros marítimos, mergulho (cursos, baptismos, saídas, caça submarina), surf, windsurf, kitesurf e bodyboard. Algumas destas empresas alugam btts, embarcações motorizadas, canoas e caiaques.

(Serviços Turísticos: O que fazer)

VIAJANTES EM AUTONOMIA

Deixamos-lhe aqui algumas sugestões organizadas em duas áreas geográficas. Conforme se desloque de automóvel, de bicicleta ou a pé, a viagem que lhe propomos deverá fazer-se com etapas bem definidas em função dos apoios existentes *(Serviços Turísticos: Onde dormir; Onde comer)*. Se viajar de bicicleta, tenha em atenção que na faixa costeira os trilhos são muito arenosos: opte pelas estradas secundárias ou por caminhos de terra bem compactados.

Do Estuário do Sado ao Cabo de Sines

Começemos por **Alcácer do Sal**, a *Salatia* dos Romanos, que, para quem vem de Lisboa pela A2, é uma bela porta de entrada no Litoral Alentejano. Recebe-nos mesmo ali à borda do Sado, com os seus mariscos e pinhoadas, e um Centro Histórico que serpenteia entre o rio e o Castelo. Depois de bem gozadas as panorâmicas sobre o rio, há que embarcar num **Galeão do Sal** em busca de flamingos e golfinhos. Antes de se dirigirem para a costa, os interessados em arquitectura rural tradicional poderão ainda aproveitar para conhecer **Santa Susana**, uma aldeia com um encantador casario térreo caído tipicamente alentejano.

(O Alentejo é Património, O Alentejo é Ruralidade)



Marginando o rio em direcção à foz, impõe-se a visita do **Porto Palafítico da Carrasqueira**, curioso porto de pescadores com um sistema labiríntico de molhes construídos em estacaria assente no lodo. Boas vistas sobre o sapal.

Rumando depois à Comporta, terra de arrozais, haverá que fazer uma incursão pela **Península de Tróia**, zona de grandes complexos turísticos, e contemplar a panorâmica que nos oferece sobre a Serra da Arrábida. As praias são muito procuradas pelos praticantes de windsurf.

É nesta península que se inicia um extenso areal, baptizado de **Costa da Galé**, que se prolonga até ao Cabo de Sines. É uma zona com boas condições para surf e bodyboard, como o comprovam os adeptos que sempre se encontram nas praias da **Comporta** e do **Carvalhal**. Não devem perder-se as acolhedoras e abrigadas praias do **Pinheirinho**, da **Galé** e da **Aberta Nova**, enquadradas por belas arribas.

Quem sentir o apelo do interior e for amante de **grandes caminhadas**, entre **Grândola**, **Santiago do Cacém** e a **Lagoa de Santo André**, tem múltiplas possibilidades. (*O Alentejo é Património, o Alentejo é Gastronomia e Vinhos*). Informe-se nos respectivos postos de Turismo sobre os PR e GR desta zona e faça, pelo menos, o PR1 **“Rota da Serra”** (17kms, partida e chegada em Grândola).

A partir da **Lagoa de Santo André**, onde encontra bom alojamento turístico e muitas belezas naturais para explorar, não deixe de



espreitar as fantásticas dunas da **Praia do Monte Velho**. A partir desta praia, existe um percurso pedestre de grande interesse ambiental: “Poços da Barbaroxa” (4kms, dificuldade baixa). É aconselhável o seu acompanhamento por um guia. A marcação faz-se no Centro de Interpretação do Monte do Paio, espaço de recepção e divulgação da Reserva Natural, com uma exposição permanente sobre o património natural desta Área Protegida. A partir deste Centro, está sinalizado o “Percurso da Casa do Peixe” (4 kms, dificuldade média), que pode fazer sem guia. Não se meta a caminho entre Dezembro e Abril devido ao eventual alagamento das várzeas da Lagoa.

Quanto à **Lagoa da Sancha**, é quase um lugar secreto. Descubra-a! Antes do Cabo de Sines, quem gosta de contemplar o mar batido, deve fazer uma incursão à **Praia do Norte**. A agitação marítima e os fundos perigosos desaconselham os banhos, mas há ricos bancos de peixe nas grutas submarinas que são motivo de atracção para mergulhadores e caçadores.

Para voltar a fazer praia, há que dobrar o Cabo.

Do Cabo de Sines ao Porto de Azenha do Mar

Sines, terra de Vasco da Gama. Sem pressa, entre neste antiquíssimo porto pesqueiro, percorra as ruas medievais do Centro Histórico e visite os *ex-libris* do seu património.

E, claro, aproveite estar ao pé do mar em terra de pescadores para se



relembrar do sabor do peixe fresco acabadinho de pescar. Aqui e em todos os locais da Costa Alentejana onde encontrar tasquinhas e pequenos restaurantes junto às praias e aos portos de pesca. (*O Alentejo é Gastronomia e Vinhas*)

É a sul de Sines que entramos no **Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina**, com as suas pequenas praias envolvidas por escarpas xistosas. Os acessos sinalizados indicam, na maioria dos casos, praias com apoios: estacionamento, vigilância, bares e restaurantes. Os praticantes de turismo de natureza que quiserem levar mais longe a sua descoberta não se sentirão defraudados: a quase totalidade da falésia pode percorrer-se a pé pelas veredas dos pescadores.

Entre as praias para famílias, aconselhamos, na zona de Sines, **Morgavel, Vale de Figueiros (Figueirinha), a Praia Grande de Porto Covo** e a da **Ilha do Pessegueiro**, junto ao Forte. **S. Torpes** é a preferida dos praticantes de windsurf e kitesurf.

Quem buscar a intimidade das pequenas praias, tem várias opções nas chamadas “**Prainhas**” de **Porto Covo**, como a **Vieirinha**, a **Oliveirinha** ou a **Samouqueira**. Nem todas têm vigilância e, por vezes, o acesso é complicado. O que é garantido é a beleza, o sossego, a privacidade. Entre elas, a **Praia do Salto** faz parte, desde 2002, do grupo restrito de **praias naturistas** reconhecidas oficialmente em Portugal.

Em **Porto Covo**, há que visitar a sua pequena praça – o Largo Marquês



de Pombal –, considerada uma das jóias da arquitectura popular portuguesa.

Continuando a viajar para sul, atingimos a zona de **Vila Nova de Milfontes**, primeiro com a praia do **Malhão** e, mais adiante, com o **Portinho do Canal**. Na vila, basta seguir o movimento para encontrar as praias de **Franquia**, **Farol** e **Furnas**. Nesta zona há boas condições para a pesca desportiva e para o mergulho. O **rio Mira**, que aqui desagua num belíssimo estuário, pode subir-se, de canoa ou de barco a motor, até Odemira. É um passeio que vale a pena fazer.

Mais uns quilómetros e encontra-se a **Praia do Almogrove**, considerada uma das mais bonitas do Sudoeste Alentejano. Tem excelentes apoios e boas condições para surf e bodyboard. Na vila está sinalizado um percurso pedestre, o PR1 "**Lapa de Pombas**" (8,9 kms, dificuldade baixa, duração aproximada de 3,30 h).

A beleza desta costa merece contemplação e estamos perto de um dos seus miradouros mais fantásticos: o **Cabo Sardão**. Para os observadores de aves tem ainda outro atractivo: é este o único local do mundo onde a cegonha branca nidifica em falésias do mar. Vá agora visitá-lo e, a partir dele, mesmo que não seja adepto de grandes caminhadas, passeie um pouco para sul sobre a falésia. É um deslumbramento e, se quiser, pode ir a pé ou em btt até à Zambujeira do Mar.



Caso queira descansar da praia e respirar o ar do campo e da serra, está no sítio certo para fazer agora uma incursão a **Odemira**, vila branca disposta em cascata sobranceira ao Mira.

A partir de Odemira ou de Vila Nova de Milfontes, tem mais dois percursos pedestres para fazer: o PR2 “**S. Domingos**” (início na aldeia de S. Luís, 8,1 km, dificuldade média) e o PR3 “**Troviscais**” (início na aldeia de Troviscais, 13,5 km, dificuldade média).

Regressando de novo à costa, o próximo destino será **Zambujeira do Mar**. Para além da praia junto à vila, com apoios e boas condições para surf e bodyboard, há outras para descobrir, para norte e para sul. Para norte, não deixe de ver a **Praia de Nossa Senhora**. Na zona do porto de pesca da **Entrada da Barca**, junto a Touril, onde se come bom peixe fresco, encontram-se caminhos trilhados sobre a falésia que nos revelam, lá muito ao fundo, pequenos areais escondidos. Para sul, são uns escassos 500 metros até à **Praia dos Alteirinhos**, classificada em 2008 como **praia naturista**.

Se viaja em família e quer fazer praia, assente arraiais na **Praia do Carvalhal**, com bom acesso a partir de Brejão. É desta povoação que sai a estrada até ao porto pesqueiro de **Azenha do Mar**, extremo sul do Sudoeste Alentejano.

(O Alentejo é Ruralidade, O Alentejo é Gastronomia e Vinhos)



>> >> >>

O ALENTEJO É RURALIDADE

É o espaço aberto que parece não ter fim. São as cores e os cheiros que brotam da terra. É a inconfundível traça da arquitectura rural, presente nos "montes" das grandes herdades, no casario mais antigo das cidades, vilas e aldeias ou nas ermidas que pintam de branco o alto dos cabeços. É o que se lê nas formas de ser e de fazer, nas artes que se conservam e se renovam, na tradição que se mantém e se recria, no "cante" que, com alma e coração, só os alentejanos sabem cantar.

Mas a ruralidade do Alentejo do séc. XXI não se esgota nas "coisas do campo". Pelas vicissitudes, nem sempre positivas, da sua história, esta Região preservou o que hoje lhe confere um valor cheio de futuro: a pequena dimensão e a qualidade dos ambientes urbanos, a escala humana, o silêncio, a paz, a liberdade, o ar limpo que se respira. E o tempo. Uma forma tão peculiar de entender o tempo, que nos faz sentir na pele que, afinal, é possível vivê-lo neste mundo vertiginoso, deixando-o ser exactamente o que é: o mais precioso dos nossos bens.



Como é que se descobre esta ruralidade sem segredos?

Vivendo-a por dentro, passeando, captando sinais. Se quer conhecer esta face tão autêntica do Alentejo, não pense duas vezes: comece por se instalar num **Turismo Rural**. A oferta é diversificada. Há casas genuinamente simples ou assumidamente requintadas; dentro e próximas de núcleos urbanos ou longe de tudo e de todos; viradas para o descanso contemplativo ou com programas de turismo activo, passeios, actividades para crianças, cursos de cozinha, cursos de vinhos ou participação nos trabalhos agrícolas que fazem parte do quotidiano das quintas e das herdades.

(Serviços Turísticos: Onde dormir)



AO RITMO DAS ESTAÇÕES

Para se conhecer bem o Alentejo é preciso visitá-lo em todas as estações. A paisagem muda muito ao longo do ano e são sazonais as actividades rurais mais interessantes que podem observar-se. Começemos o ciclo pelo Outono.

Em Setembro, as **vindimas**. Pode vê-las em qualquer ponto da estrada onde haja vinhas mas ganhará em optar por um programa organizado de um **enoturismo**: poderá aprender a arte, participar e, entretanto, provar os vinhos dos anos anteriores.

Em Outubro, passeie sem destino para contemplar a paleta de castanhos em que a **lavra** transforma o Alentejo. Aproveite o sol do chamado “verão dos marmelos” e, se onde estiver alojado houver marmeleiros, peça aos seus anfitriões que o deixem assistir à confecção caseira da marmelada.

Em Novembro, prove o **vinho novo** no S. Martinho que nos presenteia sempre com mais uns dias de verão. É uma excelente altura para visitar lugares em festa como **Marvão**, **Cabeção**, **Borba** ou **Vila de Frades**.



Entre Novembro e Janeiro, veja a **apanha da azeitona** (a tradicional, não mecanizada) e entre num lagar.

Na Primavera, o campo enche-se de milhares de flores silvestres que são tema inesgotável para quem gosta de fotografar. É por ocasião dos primeiros calores que se faz a **tosquia** das ovelhas. Se na casa que escolheu não houver rebanho, pergunte onde pode assistir.

Na 5ª feira da Ascensão, participe no ritual do **Dia da Espiga**. Junte-se à gente que vai encontrar pelos campos e faça também o seu ramo como manda a tradição: 5 espigas de trigo, 5 papoilas, 5 ramos de oliveira, 5 malmequeres brancos e 5 malmequeres amarelos.

Pendure-o atrás da porta de entrada durante um ano, acreditando que ele vai atrair, para si e para os seus, o pão, a paz e a alegria.

Subitamente, os amarelos tomam a paisagem. É entre Junho e Julho que se faz a **ceifa das searas**, momento por excelência para imaginar, no pino do calor, a vida dos homens e das mulheres que, há uns anos atrás, faziam à mão e de sol a sol o que hoje é feito por ceifeiras-debulhadoras e máquinas de enfardar. Mais tarde, quando ouvir o cante alentejano vai percebê-lo melhor.

Mas não é só o amarelo da secura que se vê na paisagem: nos meses de verão pode ver o brilho dos campos de girassol e de tremocilha, a exuberância do verde das vinhas e, na **envolvente das albufeiras** que alimentam o regadio do Alentejo interior, as cores fortes do milho e das culturas hortícolas. No vale do Sado é um momento por



excelência para ver os arrozais e, sobre eles, as pinceladas rosa e branco do voo dos flamingos.

Entre Junho-Julho e, por vezes, Agosto, não perca o **descortiçar dos sobreiros** e a surpresa do ocre-laranja dos troncos nus que, de repente, ilumina o montado. É uma das actividades mais interessantes da região, que exige muita mestria e dá trabalho certo a quem a tem. Uma vez que o sobreiro só pode ser descortiçado de 9 em 9 anos, recorra uma vez mais aos seus anfitriões para lhe indicarem locais de observação. Em qualquer altura do ano, sempre que sentir no ar o cheiro forte da madeira queimada, pare e vá espreitar os **fornos tradicionais de carvão de azinho ou de oliveira**.

Se estiver no litoral, visite um **porto de pesca**. Aqui, como em todo o mundo, os pescadores são gente arrojada e só não saem para o mar quando não podem. Vá vê-los partir em busca de tudo o que marca a diferença da gastronomia alentejana da costa e, no regresso, assista à animação da lota.

(O Alentejo é Natureza, O Alentejo é Gastronomia e Vinhos)



AC

AS NOSSAS CASAS CAIADAS

Ao longo da sua viagem vai descobrir o grande exemplo de sabedoria que é a arquitectura tradicional. As construções integraram-se na paisagem como se dela fizessem parte, utilizaram materiais e soluções adaptadas ao clima e à função e formaram conjuntos naturalmente equilibrados que, ainda hoje, são fonte de inspiração para as intervenções contemporâneas.

Passear pelo Alentejo é um encontro permanente com esta realidade e com os dois tipos de arquitectura que a exprimem: a erudita, por vezes de grande valia sob o ponto de vista do património monumental, e que é bem visível nos solares de grandes herdades e nas casas nobres dos centros urbanos; e a popular, que nos revela outras faces do património, de sabor genuinamente rural, e se observa no casario mais antigo das aldeias, vilas e cidades. *(O Alentejo é Património)*

Este encontro não é feito apenas de momentos perfeitos. Mas nesta época



de mudança em que convivem intervenções contemporâneas de qualidade, modernizações discutíveis da habitação tradicional e excelentes exemplos de recuperação, é a traça arquitectónica que identifica o Alentejo que continua a dominar a paisagem e nos prende o olhar.

Por esta razão, o convite que lhe fazemos é que visite, agora nesta perspectiva, algumas localidades que permanecem como referências essenciais. Sugerimos-lhe apenas meia dúzia de exemplos porque, a partir deles, aprenderá tudo o que precisa para prosseguir a sua descoberta autónoma de outros lugares.

No Norte Alentejano são incontornáveis as vilas de **Marvão** e **Castelo de Vide**, esta última com a **Judiaria** mais espantosa de toda a Região. Mas veja também **Alegrete**, dentro e fora do castelo, a minúscula **Flor da Rosa**, o centro histórico de **Cabeço de Vide** e **Alter Pedroso**. No Alentejo Central, é obrigatório conhecer as três jóias patrimoniais que são **Evoramonte**, **Terena** e **Monsaraz**. Como exemplo de uma vila viva e bem cuidada, visite **Redondo**. Como paradigma de recuperação de uma aldeia totalmente abandonada, **S. Gregório**, no sopé da Serra d' Ossa, o primeiro Turismo de Aldeia da região.

No Baixo Alentejo, destacam-se os centros históricos de **Alvito**, **Serpa** e **Mértola**, cada um com o seu ambiente específico, mas também o casario antigo de pequenos lugares como **Vila Alva**, entre Alvito e



AC



Cuba, **Casével** e **Aivados**, junto de Castro Verde, e a bela **Messejana**, a dois passos de Aljustrel.

No Litoral Alentejano, três pequenas aldeias, com enquadramentos muito diferentes, são suficientes para mostrar a quem passa férias nesta zona por causa do sol e do mar, que vale a pena descansar da praia de vez em quando e dar uns passeios pelo interior: **Santa Susana** (Alcácer do Sal), **Lousal** (Grândola) e a serrana **Vale de Santiago** (Odemira).

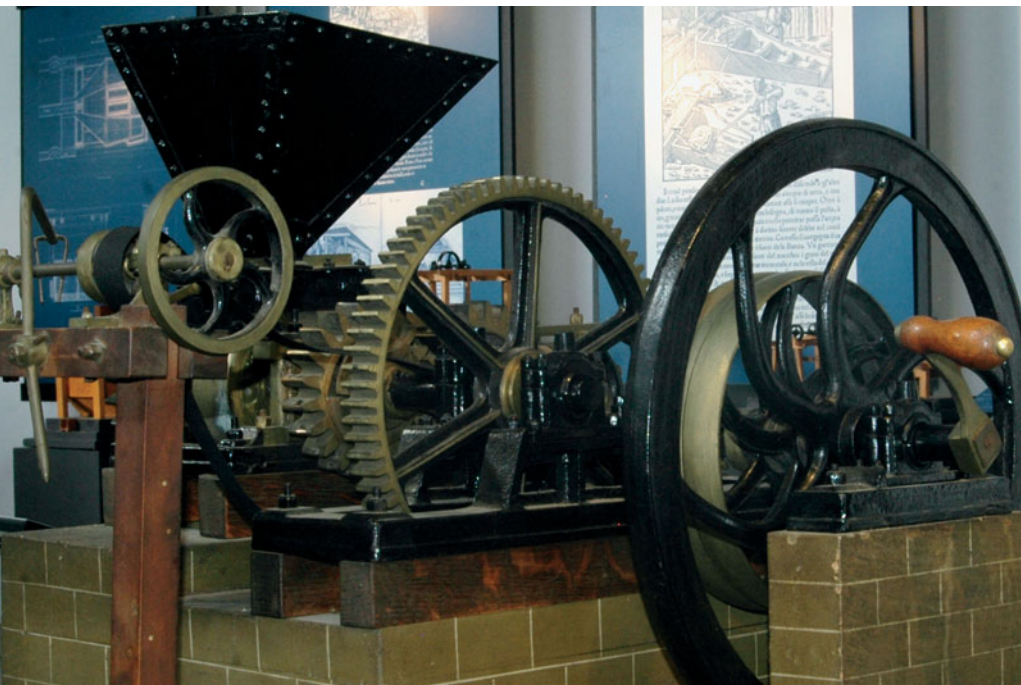
(O Alentejo é Património, O Alentejo é Natureza)

Sempre que percorrer uma aldeia, procure identificar as características mais marcantes da arquitectura rural: as casas só com um piso térreo; as paredes grossas e com poucas aberturas, tradicionalmente construídas em taipa, solução sábia para, com poucos meios, conservar o calor no Inverno e a frescura no Verão; as enormes chaminés, por vezes mais altas do que as casas, por onde saem os fumos das lareiras que aquecem as noites frias e curtem os enchidos caseiros; o lugar privilegiado que ocupa a cozinha; o forno do pão, por vezes comum a toda a aldeia, com a sua inconfundível forma abobadada; a textura das paredes exteriores e interiores que, ano a ano, as mulheres vão cobrindo com novas camadas de cal; e os coloridos rodapés que, nos velhos tempos, se pintavam predominantemente de ocre e de azul.



MEMÓRIAS A NÃO PERDER

Existem no Alentejo dezenas de pequenos museus etnográficos (ou núcleos de etnografia nos museus municipais), que guardam as memórias da casa tradicional, dos ofícios que desapareceram, dos instrumentos que caíram em desuso, da vida nas aldeias e dos seus costumes. Foram feitos com tanto amor e devoção, quase sempre com recurso a peças doadas pelos habitantes, que, sempre que encontrar algum, deve visitá-lo. Mas, entre todos os que poderiam classificar-se como os mais interessantes, há três que não pode perder: o **Museu do Chocalho**, em Alcáçovas, com mais de 3.000 chocalhos, cada um com o seu som, instalado na oficina do Mestre João Penetra, chocalheiro de profissão; o **Museu Etnográfico**, em Serpa, com a exposição permanente “Ofícios da Terra”; e o **Museu Etnográfico e Arqueológico**, em Santa Clara-a-Nova (Almodôvar), que oferece uma excepcional recriação, com figuras em tamanho natural, de cenas do quotidiano da aldeia. Estando em Santa Clara, visite também o **povoado da Mesa de Castelinhos** e, em Almodôvar, o inesperado **Museu da Escrita do Sudoeste**, que se crê ser a primeira expressão escrita da Península Ibérica.



ARQUEOLOGIA INDUSTRIAL

Para além da agricultura, da pesca, da criação de gado, da exploração da floresta e das pedreiras (de mármore, de xisto e de granito), a paisagem rural continua marcada por outras actividades ligadas aos recursos da terra, que, nos seus tempos áureos, deram de comer a muita gente. É o caso da moagem e da exploração mineira.

A moagem de cereais, feita nos moinhos de água construídos nos rios e nos moinhos de vento erguidos nos cabeços, foi definitivamente substituída pelas moagens mecânicas a partir dos anos 60 do séc. XX. Restam as ruínas, algumas bem bonitas, como são os moinhos do Guadiana. Mas houve alguns que conheceram novos destinos: foram recuperados, uns por particulares amantes da arte, outros por autarquias que os transformaram em peças vivas de museu. Destes últimos são sempre visitáveis os moinhos de vento de **Castro Verde**, de **S. Miguel do Pinheiro** (Mértola) e de **Santiago do Cacém**; e, com

marcação prévia, o moinho de água do **Alferes**, na ribeira do Vascão, o afluente mais a sul do rio Guadiana (informações no Posto de Turismo de Mértola).

No que respeita à exploração mineira da extensa faixa das pirites alentejanas, a par da desactivada Mina de S. Domingos, em Mértola (*O Alentejo é Natureza*), merecem referência, como interessantes pólos de Arqueologia Industrial, as de **Aljustrel** e do **Lousal**.

As **Minas de Aljustrel**, exploradas desde o período romano (*O Alentejo é Património*), altura em que a vila era conhecida como *Vipasca*, têm tido uma história atribulada, com sucessivas fases de exploração e de encerramento. Esta saga prossegue nos nossos dias, mas os graves problemas que tem provocado não desmotivaram um olhar sobre a mina na perspectiva do seu grande valor histórico-arqueológico. Esta é uma razão de peso para visitar Aljustrel. Hoje podemos conhecer o espólio da Mina no **Museu Municipal** e fazer o **Percurso Mineiro**, balizado por vários pontos de interesse como a Central de Compressores, as Pedras Brancas, a Área Industrial de Algaes, a Malacate Vipasca, a Chaminé de Trastagana e o Cerro da Ermida de Nossa Senhora do Castelo, *ex-libris* do património da vila, com uma vista espectacular. Comece o seu encontro com Aljustrel pelo Posto de Turismo, onde lhe facultarão as informações e documentação de apoio necessárias.

A **Mina do Lousal**, hoje propriedade da Fundação Frederic Velge, tem uma história completamente diferente. Iniciou e terminou a sua actividade no séc. XX e está a ser objecto de um curioso projecto de revitalização, que associa a arqueologia industrial e a tecnologia de ponta. Aprecie a pequena **aldeia mineira**, um bom exemplo de arquitectura rural tradicional; visite o **Museu da Central Eléctrica**, muito completo e bem organizado, que é um verdadeiro deleite para quem se interessa pela evolução da maquinaria ligada à produção de energia; veja as boas peças do **Centro de Artesanato**; e, claro, embarque na **viagem virtual**, concebida e realizada com a avançada tecnologia que lhe permite, à superfície, aceder às profundezas da Mina.



CRENÇAS E DEVOÇÕES

Ligadas a cultos Marianos ou a devoções aos Santos, a quem se agradecem benesses ou se pedem graças, as ermidas são um elemento fundamental da ruralidade e da própria arquitectura tradicional. São quase todas datáveis dos sécs. XVI-XVIII, embora existam preciosidades de tempos anteriores. Costumam ser constituídas por três partes: a capela-mor, com a cúpula em abóbada, a nave central e, no exterior, um alpendre coberto, arejado e ladeado de bancos para descanso dos peregrinos. Localizam-se ora dentro ora fora das aldeias, no alto dos cabeços ou paredes-meias com “montes” isolados. Algumas possuem interessantes revestimentos de azulejos, pinturas a fresco e extraordinárias colecções de ex-votos. São sempre impecavelmente caiadas para os dias de festa em honra da Senhora ou do Santo protector. Nesses dias, a sua abertura é garantida. Mas são quase todas tão bonitas na sua traça genuinamente rústica que, mesmo fechadas, vale a pena ir vê-las.

Onde há festa, há também feira. E, em certos casos, o movimento de ambas atingiu tais proporções que a ermida se tornou pequena para receber tantos peregrinos e originou a construção de grandes santuários.

Entre ermidas e santuários, quais não se devem perder?

São tantos e tão interessantes que uma vez mais se impõe uma selecção. Seguramente injusta e, de novo, assumida como um simples ponto de partida. Anexa-se a cada uma o dia da sua festa anual.

No Norte Alentejano, veja a granítica e bucólica **Senhora da Redonda**, perto de Alpalhão (2ª feira de Páscoa); a **Senhora da Lapa**, com uma vista panorâmica soberba, em Besteiros, Portalegre (Setembro); a **Senhora de Entre Águas**, em Benavila (último fim de semana de Julho); e o **Santuário do Senhor Jesus da Piedade**, em Elvas, onde se expõe uma importante colecção de *ex-votos* (20-27 de Setembro, romaria e feira de S. Mateus).

No Alentejo Central, situam-se quatro importantes santuários de grande valor patrimonial: **N.ª S.ª das Brotas**, em Brotas, Mora, enquadrado pelo antigo casario das confrarias, excelente exemplo de arquitectura rural (2º fim de semana de Agosto); **N.ª S.ª do Monte do Carmo**, em Azaruja, forrada com mais de 1500 *ex-votos*, hoje integrada num Hotel Rural instalado nas antigas casas dos peregrinos (2º domingo de Setembro); **N.ª S.ª da Boa Nova de Terena**, ermida-fortaleza do séc. XIV (domingo e 2ª feira de Pascoela); e, em estilo rocóco, **N.ª S.ª d' Aires**, em Viana do Alentejo, também com uma impressionante colecção de *ex-votos* na Casa dos Milagres e que, todos os anos pelas festas, é ocasião da maior romaria a cavalo do Alentejo (romaria, 4º fim de semana de Abril; feira, 4º fim de semana de Setembro). Como exemplo de ermida-miradouro, sugerimos-lhe a subida à de **N.ª S.ª da Visitação**, em Montemor-o-Novo (2 de Julho). No Baixo Alentejo, veja a **Senhora da Represa**, na estrada Cuba-Vila Ruiva, com um fantástico interior visitável no dia da sua festa (2ª feira de Pascoela) e através do programa Rota do Fresco (informações sobre a Rota nos postos de Turismo de Alvito, Cuba, Viana do Alentejo, Vidigueira e Portel); **N.ª S.ª da Guadalupe**, também conhecida por **S. Gens**, em Serpa, lindíssimo templo de feição mudéjar (de Sexta-Feira Santa à 3ª feira seguinte); **N.ª S.ª de Aracelis**, junto ao lugar do Salto, S. Marcos da Ataboeira (Castro



Verde), um verdadeiro “tecto do mundo” sobre o Sul (1^o fim de semana de Setembro); e **N.ª S.ª da Cola**, entre Ourique e Santana da Serra, integrada no **Circuito Arqueológico da Cola**, outra razão de peso para visitar o local (7-8 de Setembro).

Finalmente, no Litoral Alentejano, apesar das muitas ermidas que se encontram, sobretudo nas aldeias serranas, o destaque vai para as suas festas religiosas que incluem procissões marítimas ou fluviais em barcos engalanados de pescadores, como são as de **N.ª S.ª do Rosário**, em Tróia (início de Agosto), **N.ª S.ª das Salas**, em Sines (14-15 de Agosto) e **N.ª S.ª da Graça**, em Vila Nova de Milfontes (15 de Agosto).

Nos postos de Turismo encontra os calendários das festas, feiras e romarias de cada localidade. Nos cartazes das que vão acontecer durante a sua estadia, veja com especial cuidado os seus programas musicais e não perca as que incluírem: as “**Saias**”, danças características do Norte Alentejano; as desgarradas, chamadas “**Despique e Baldão**”, típicas de alguns concelhos do Baixo Alentejo e do Litoral Alentejano; e a actuação de grupos corais que lhe poderão oferecer a magia do **Cante Alentejano**.



ARTES TRADICIONAIS

O Artesanato do Alentejo está em fase de mudança. Já lá vai o tempo em que era apenas identificado com as faces rugosas dos velhos mestres que trabalhavam o barro, o ferro, o estanho, a madeira, a cortiça, o bunho, o couro, as peles ou o corno, e com as mãos hábeis das mulheres que pintavam a louça do quotidiano, faziam rendas e bordados ou passavam horas infindas em volta dos seus teares. A tradição passou de pais para filhos mas os mestres tornaram-se professores de públicos mais alargados. E assim começou a surgir uma nova geração de artesãos, que aposta no que tem procura, deixando ao resto o lugar que sempre se reserva ao que vale mas não tem uso: o museu.

Entre as Artes que estão a conquistar o direito ao futuro, destacamos aqui apenas três expressões: a **olaria e pintura**, os **trabalhos em pele e couro** e os **têxteis**. Estão ligadas a centros de produção bem



CM-CRATO



definidos, que fizeram escola, podem ser visitados e têm sempre produtos à venda: nas próprias oficinas e nas lojas de artesanato da região. Comece por ir aos postos de Turismo, onde se expõem boas colecções, e informe-se onde pode ver os artesãos a trabalhar e fazer compras.

Olaria e Pintura

Na olaria e pintura, o Alentejo oferece uma interessante diversidade.

Os **Barros da Flor da Rosa** cumprem todos os requisitos para merecerem a classificação de “artesanato”: utilizam a matéria-prima da região, que se cava nas chamadas “barreiras”, e mantêm os processos tradicionais de produção. Estão representados por uma selecção de 14 peças utilitárias, cada uma com a sua forma e função, em exposição permanente no Posto de Turismo. (*O Alentejo é Património*)

A **Olaria Pedrada de Nisa** é única no Alentejo. Depois de as peças de barro vermelho estarem moldadas, são decoradas com desenhos onde se incrustam pequeníssimas pedras de quartzo recolhidas na Serra de S. Miguel. Estando em Nisa, veja também o Núcleo do Bordado, instalado no Centro Transfronteiriço de Artesanato e Produtos Tradicionais. (*O Alentejo é Natureza*)

Em **Estremoz**, o destaque vai para a sua famosa **Barrística**. A melhor forma de a conhecer é visitar o Museu Municipal Prof. Joaquim Vermelho, que exhibe uma notável colecção de obras populares dos

séculos XVIII e XIX. Os temas da tradição ainda hoje continuam a inspirar os artesãos da cidade. Os santos de nicho e os presépios são as obras mais conhecidas e mais procuradas, em particular pelos coleccionadores. Os presépios incluem figuras religiosas e profanas e, algumas destas últimas, são já criadas e vendidas separadamente. Mas há outros temas recorrentes: os assobios e os “rouxinóis”; os ganchos de fazer meia, renda ou malha; os “napoleões”, soldados vestidos com as fardas do tempo das Invasões Francesas; os “pretos” de saias vermelhas; as “primaveras”, figuras de mulher vestidas de dançarinas com um arco de rosas de ombro a ombro e um chapéu enfeitado com lacinhas e flores; e, carregada de simbolismo, a metáfora “O Amor é Cego”, figura de mulher com os olhos vendados. No que respeita à **olaria utilitária e decorativa**, embora haja produção em vários locais, são três os grandes nomes de referência: **Redondo, Viana do Alentejo** (hoje com menor expressão) e **S. Pedro do Corval, o maior centro oleiro da Península Ibérica**. Cântaros, talhas, vasos, jarras, pratos de todos os tamanhos e feitios, chávenas, suportes para velas, peças decorativas para jardins, de tudo se encontra nestes simpáticos lugares que merecem visita por esta e outras razões. As olarias estão todas abertas ao público, o que permite seguir o processo de criação desde o moldar da peça à secagem, cozedura no forno e decoração final.

(O Alentejo é Património, O Alentejo é Natureza, O Alentejo é Gastronomia e Vinhos)

Trabalhos em pele e couro

Arreios para animais, selas para toureio e para passeio, malas, sapatos e botas, chinelos forrados, vestuário para o quotidiano ou para as caçadas, são alguns dos objectos em pele e couro que continuam a fazer-se e a vender-se no Alentejo.

Em **Terrugem**, junto a Elvas, e em **Nossa Senhora de Machede**, na zona de Évora, existem fábricas de curtumes que, apesar de alguma mecanização, conservam uma atmosfera verdadeiramente medieval. Vale a pena visitá-las e contactar ao vivo com as “voltas” que a pele dá antes de chegar à mão de quem a transforma e produz a obra final. Para além destes dois lugares, encontram-se excelentes artesãos da

pele e do couro em **Alter do Chão** (correaria), em **Cuba** (calçado), em **Almodôvar** (calçado) e em **Alcácer do Sal** (correaria).

MANTAS, TAPETES, TAPEÇARIAS

As **Mantas Alentejanas** tradicionais são feitas em teares, com fio de lã de ovelha, branca e negra. São peças muito bonitas. Colocam-se nas camas, decoram as paredes e, em alguns casos, também servem de tapete. Aos padrões tradicionais vieram juntar-se outros, com novas cores, fruto da criatividade de quem as concebe e produz. Com as mesmas técnicas, mas utilizando também o algodão, hoje fazem-se cortinas, individuais que embelezam qualquer mesa, capotes, ponches, almofadas, sacos, mantas de viagem, meias, toalhas ... Os principais centros de produção que fizeram escola nesta arte e continuam vivos são **Reguengos de Monsaraz** e **Mértola**. (*O Alentejo é Património, O Alentejo é Natureza, O Alentejo é Gastronomia e Vinhos*)

Os **Tapetes de Arraiolos**, bordados ao longo de séculos, chegaram até nós graças ao labor, engenho e arte de várias gerações de bordadeiras que, ainda hoje, quantas vezes sentadas à porta da rua das suas casas, continuam a criar, ponto a ponto, os desenhos da tradição.

Tanto quanto se sabe, tudo começou no séc. XV quando, por ordem de D. Manuel I, várias famílias mouriscas foram expulsas de Lisboa. A caminho do norte de África e do sul de Espanha, algumas viriam a fixar-se em Arraiolos. Face ao bom acolhimento local, os artesãos destes grupos, disfarçados de cristãos-novos, começaram a dedicar-se à manufactura de tapeçarias. E assim nasceram os tapetes de Arraiolos, que, até aos nossos dias, terão conhecido três épocas, a que correspondem distintas composições decorativas.

Arraiolos continua a ser a capital desta arte que, no mês de Junho, tem um momento alto de revelação no evento "O Tapete está na Rua". As suas lojas são, muitas vezes, locais de trabalho que podem visitar-se todo o ano e vale a pena assistir ao vivo à mestria das bordadeiras. Mas vale também a pena subir ao seu **castelo**, o único circular de todo o Alentejo, caminhar pelas ruas estreitas que irrompem entre o casario tradicional, entrar na **Igreja da Misericórdia** com a nave



repleta de azulejos historiados alusivos às obras de misericórdia e, como não podia deixar de ser, provar os seus suculentos **pastéis de toucinho**. (*O Alentejo é Património, O Alentejo é Gastronomia e Vinhos*)

A **Tapeçaria de Portalegre**, mural decorativa, é um caso à parte na criação têxtil do Alentejo. Nasceu na Manufactura de Portalegre de Guy Fino, o industrial que colocou Portugal na lista dos grandes produtores mundiais de tapeçaria. A sua originalidade advém de uma técnica específica inventada por Manuel do Carmo Peixeiro nos anos 20 do século passado, conhecida como “ponto de Portalegre”. Este ponto permite a reprodução rigorosa do modelo, neste caso, obras de grandes nomes da pintura como Almada Negreiros, Vieira da Silva ou Vítor Pomar. Pode conhecer esta história e ver a exposição permanente de tapeçarias no **Museu Guy Fino**, instalado no Palácio Castel-Branco, em Portalegre. (*O Alentejo é Património*)

Para além das artes mencionadas, não deixe de apreciar o **mobiliário em madeira pintada** de Évora, Redondo e Ferreira do Alentejo, sempre complementado pelas **cadeiras com assentos em bunho**; o **mobiliário e objectos decorativos em ferro forjado**, de Campo Maior e Ferreira do Alentejo, entre os quais se encontram criações contemporâneas com grande procura; e, em toda a região, a **cestaria**,



os **objectos em cortiça e corno** e as várias expressões da **arte pastoril em madeira**.

Nos postos de Turismo encontra informação sempre actualizada sobre as muitas **Mostras e Feiras de Artesanato** que se vão realizando ao longo do ano.

O **Museu de Artes Tradicionais de Évora**, instalado no espaço do antigo Celeiro Comum, exhibe uma excelente colecção que associa peças raras, patrimoniais, e interessantes criações contemporâneas. O seu inesgotável centro de documentação, à disposição do visitante, cumpre bem a função de guia para a descoberta do essencial do artesanato alentejano.



FESTA DAS FLORES DE CAMPO MAIOR

Dedicada a S. João Baptista, patrono de Campo Maior, é uma das Festas mais extraordinárias de Portugal. Também chamada Festa dos Artistas ou do Povo, transforma, literalmente da noite para o dia, uma vila inteira num oceano de flores de papel: milhares de rosas, cravos, tulipas, glicínias, papoilas, nascem subitamente das casas, amarinham pelas paredes acima e crescem de um lado para o outro das ruas transformando-as em túneis de mil cores.

Obreiros deste milagre: os moradores de cada rua que, guardando ciosamente de todos os outros o segredo da decoração do seu sítio, dia após dia, durante meses a fio, roubam incontáveis horas de trabalho ao seu tempo de descanso e criam estas flores de papel. De vontade, com um imenso carinho, dedicação e esmero e, também, com muita arte.

Aqui, é mesmo verdade que nada substitui a experiência vivida. É preciso ir ver. No mês de Setembro, com uma única ressalva: **esta festa só se faz quando o povo quer.**



GANADARIAS E COUDELARIAS

O Alentejo e o Ribatejo são as duas regiões de Portugal com reconhecida tradição na criação do Cavalo Lusitano e do Touro, que dão fama às artes equestres e às actividades tauromáquicas nacionais. No que respeita às últimas, são várias as corridas que se realizam ao longo do ano nas muitas praças de touros do Alentejo. São espectáculos muito noticiados e concorridos, sendo de destacar que apenas numa única praça – a de Barrancos – foi consagrada a excepção dos touros de morte, proibida nas touradas portuguesas. Para visitar as ganadarias, instaladas em propriedades privadas, tem que recorrer aos serviços das empresas locais. Quanto às coudelarias, a situação é diferente. Existe uma com as portas abertas ao público e que não deve perder: a Coudelaria de Alter Real, a 3 kms da vila de Alter do Chão.

Cavalo Lusitano – Coudelaria de Alter Real

A Coudelaria de Alter Real foi fundada em 1748 pelo rei D. João V com o objectivo de melhorar a criação cavalar nacional e de dar à "Real Picaria", academia equestre da Corte Portuguesa do séc. XVIII, a exigida qualidade e dignidade. Passados mais de 250 anos, mantém-se na mesma propriedade onde foi instalada – a Tapada do Arneiro – e dá continuidade à tradição de fornecer o Cavalo Lusitano para a Escola Portuguesa de Arte Equestre, herdeira da Real Picaria, hoje a funcionar no Palácio Nacional de Queluz.

Os interessados em artes equestres têm aqui um interessante e diversificado programa de visitas guiadas.

Estas visitas, conforme os dias da semana e a época do ano, incluem a Cavalaria da Eguada, a Falcoaria, o Pátio D. João VI (Cavalaria de Alter Real), o Depósito de Garanhões-Reprodutores, a Casa dos Trens e o Museu do Cavalo. Duram cerca de 1h30.

Entre as atracções mais espectaculares da Coudelaria são de salientar a **saída da eguada** para o pastoreio em campo aberto (todos os dias úteis às 15h) e as **exibições de falcoaria**.

No Pátio D. João VI assiste-se a actividades de desbaste e testagem e a actividades diversas em picadeiro.

Quanto às exposições permanentes, na Casa dos Trens está instalada uma exposição de arreios e carros de cavalos do séc. XIX; no Museu do Cavalo pode ver-se "O Cavalo e o Homem – Uma Relação Milenar", com peças da colecção particular de Rainer Daehnhardt, algumas com cerca de 3.000 anos.

A Coudelaria de Alter Real é criadora da raça Cavalo do Sorraia, considerada como o primitivo Cavalo Ibérico, em vias de extinção. Faz parte das instituições detentoras de um núcleo de cavalo de Przewalski, a última espécie de cavalo encontrada em estado selvagem (em 1880), participando no programa internacional para a sua conservação.

O complexo encerra ao público às segundas-feiras. As visitas guiadas são pagas. Mediante marcação prévia, é possível, ao fim de semana e feriados, montar a cavalo em picadeiro e passear de trem.

No mês de Abril realiza-se a Semana da Coudelaria, evento com várias actividades equestres, a que se junta o famoso Leilão de Equinos do dia 24. Em Maio, tem lugar a Festa do Cavalo.

(O Alentejo é Património, O Alentejo é Gastronomia e Vinhos)



» » »

O ALENTEJO É GASTRONOMIA E VINHOS

No Alentejo come-se e bebe-se muito bem. Comer, beber e petiscar são rituais, formas de conviver, de receber, de celebrar. Costuma dizer-se que na casa de um verdadeiro alentejano, tenha muito ou tenha pouco, a mesa está sempre posta. É verdade. E esta realidade confere um sabor muito especial à descoberta da gastronomia e dos vinhos. São produtos de reconhecida valia turística, mas não foi o Turismo quem os criou para consumo externo: fazem parte – e uma parte feliz – do quotidiano mais autêntico da Região. Neste quadro, o nosso convite só pode ser um: seja Alentejano por uns dias!

PROVAR O ALENTEJO

Do receituário tradicional às recentes inovações da cozinha gourmet, dos salgados à doçaria tradicional e conventual, no Alentejo encontra de tudo, criado e recriado com os melhores produtos da terra, muita imaginação e aquela coisa misteriosa chamada “mão”. Os vinhos, os queijos e os enchidos são excelentes. Os doces, um pecado divinal. Há apostas sérias na certificação de produtos. Novas experiências de agricultura biológica. E, em função da mesa, um curioso entendimento entre gerações.

Dedique tempo a esta descoberta. Combine o bom restaurante, que lhe oferece uma refeição preparada com requinte e sofisticação, com a genuína cozinha popular que tantas vezes se encontra na tasca da aldeia onde os homens se encontram ao fim do dia para petiscar. Prove vinhos nas adegas em contacto directo com os produtores. Participe em cursos de cozinha. E não se preocupe com dietas: umas boas caminhadas queimam todas as calorias.

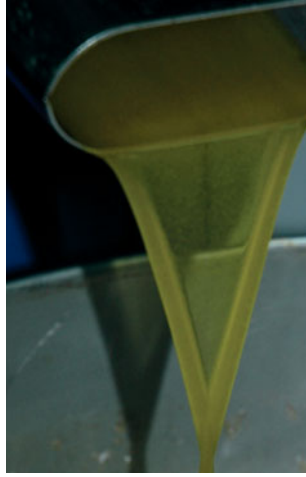
COMER O QUE A TERRA DÁ

A cozinha alentejana, riquíssima em paladares, esteve sempre ligada aos produtos do campo e tem como base uma trilogia fundamental: o pão, o azeite e as ervas aromáticas.

O **pão** tem múltiplas aplicações. Come-se como acompanhamento de tudo quanto é petisco; está presente nas açordas e nas dezenas de outras sopas que aqui se fazem, como os gaspachos, as sopas de peixe, de cardos, de beldroegas ou de catacuzes; e é o grande ingrediente das migas que, por sua vez, podem ser de tomate, de couve-flor, de bacalhau, de espargos verdes e de muitas outras coisas mais.

O **azeite**, hoje reconhecido pelos dietistas como factor de uma alimentação saudável, é a pedra de toque que distingue o excelente do bom e do mau. Não precisamos de ser peritos em gastronomia para nos apercebermos da diferença que há entre cozinhar e temperar com um azeite virgem ou com as misturas que se fazem passar por azeite. O azeite alentejano está entre os melhores.

As **ervas aromáticas** – os coentros, os poejos, a hortelã da ribeira, o



tomilho, o louro, a segurelha, os orégãos, para citar só as mais conhecidas – são a varinha de condão da imaginação que caracteriza esta cozinha. Pisam-se, picam-se ou colocam-se aos molhos, conforme o prato que vão aromatizar. E aplicam-se sempre na medida certa porque, quando os produtos são genuínos e de qualidade como acontece no Alentejo, os temperos existem, não para os esconder, mas para os elevar ao seu máximo sabor. De referir que existem várias quintas que se têm especializado na sua produção e que, em Vendas Novas, estão a ser objecto de estudo no Horto Experimental das Plantas Silvestres Alimentares do Ecomuseu de Recursos Florestais, que funciona e pode visitar-se na Escola Agrícola D. Carlos I.

Para viver plenamente as sedutoras aventuras gastronómicas que esta região tem para lhe oferecer, sugerimos-lhe que se meta a caminho com três ideias na bagagem.

A primeira é que tem que esquecer o mundo global em que vivemos, dominado pelos sabores homogéneos e pelas tecnologias do frio, e aproveitar as suas férias no Alentejo para reviver a forma mais ancestral de comer: **produtos frescos no momento certo, quando os sabores se exprimem em todo o seu esplendor.** Alguns exemplos: no Inverno, prove o porco fresco; entre o Inverno e a Primavera, conforme a chuva foi cedo ou se atrasou, as engenhosas sopas de cardos, de carrasquinhas, de feijão com labças ou



COY

catacuzes, as túberas, os espargos verdes com ovos, as silarcas assadas na brasa só com sal grosso; por alturas da Páscoa, o sarapatel de borrego, os queijos frescos e as queijadas; em finais da Primavera e pelo Verão fora, as favadas, o gaspacho, as tomatadas, as sopas de beldroegas, o achigã; no início do Outono, os pratos de caça. Quando se come com as estações, a diferença é abissal.

A segunda, é que tem que **experimentar pratos sempre diferentes**. O Alentejo é só um mas é grande e diverso. É atlântico e mediterrânico, serra e planície, costa e interior, rios, lagoas, albufeiras e mar. Por isso, embora vá identificar em tudo o que provar aquele “quê” que marca com tanta força esta forma de fazer e de condimentar, terá a surpresa de descobrir como é infinita a variedade da mesa tradicional.

A terceira é que **deve fazer estas experiências no sítio certo**. Há alguma coisa que chegue a um bom peixe na brasa, grelhado ali mesmo em cima da praia com vista para o mar? A um sofisticado prato de caça com a luz de Outono a entrar pelo montado? Ou a um gaspacho bem fresco quando o amarelo seco tomou a seara e está um calor de abrasar?

Se não encontrar logo o que procura, não desista. Insista que alguém



JMR

há-de ajudar. Mas, para isso, tem que saber o que não pode, a pretexto algum, dar-se ao luxo de não provar.

Na costa, é evidente. De Tróia ao porto da Azenha do Mar, o Alentejo é rico em marisco (são excelentes os percebes do Sudoeste!), em choco e polvo, em peixes como o sargo, o cherne, o robalo, o carapau e a sardinha. Para além dos comuns mas deliciosos grelhados e cozidos, são pratos característicos desta zona as massinhas de peixe, os arroz de camarão, de choco e de navalhinha, as sopas de peixe e as caldeiradas. A sopa de cação é universal: está nas ementas de quase todos os restaurantes alentejanos e onde nunca falta é mesmo no interior.

No que toca a águas doces, a geografia começa a alargar-se. Não deve perder o ensopado de enguias da Lagoa de Santo André, mas não lhe fica atrás a lampreia do Tejo (Nisa e Gavião) e do Guadiana (Mértola); ou o achigã, frito ou assado, que encontra em Odemira e, pelo menos,



AC

nos dois locais onde se fazem concursos de pesca - na zona de Alqueva e na ribeira Raia, junto a Cabeção. Onde quer que haja peixe fresco do rio, experimente as succulentas caldeiretas, feitas com barbo, achigã e carpa, que aqui se condimentam com folhas de louro, poejos e hortelã da ribeira.

Passemos às carnes

O Alentejo faz parte das regiões do mundo onde ainda é possível o pastoreio em liberdade. Espaço é o que não falta. Os rebanhos pastam nos campos, o porco alentejano vive no montado de sobro e azinho que lhe dá a bolota e os bovinos pastam pachorrentamente nos prados das grandes herdades. Há vários produtores em toda a região que apostaram na certificação dos seus produtos e hoje ostentam com orgulho as várias denominações de qualidade atribuídas às suas carnes. São estas que tem que provar: o **Borrego de Montemor-o-Novo, do Baixo Alentejo e do Nordeste Alentejano**, todos **IGP** (Indicação Geográfica Protegida); o **Bovino Carnalentejana, Mertolenga e da Charneca**, todos **DOP** (Denominação de Origem Protegida); e o famoso **Porco Alentejano**, também **DOP**.

As iguarias são muitas: os grelhados, sempre excelentes, a sopa da panela, o ensopado de borrego, o borrego assado, o sarapatel, as migas com carne de porco, a feijoada com cabeça de porco, o cozido



AC

de grão (que, em alguns restaurantes é servido em tarros de cortiça), as burras assadas no forno ... Finalmente os pratos de caça. Sempre confeccionados com grande sofisticação, são uma das expressões de referência da mais requintada gastronomia alentejana. Entre o coelho bravo à S. Cristóvão, a lebre com feijão branco, as inúmeras receitas de perdiz, a canja de pombo bravo, os estufados e assados de javali, acha que consegue escolher?



O PETISCO

É uma verdadeira instituição alentejana. Não há fim de dia em que não se sinta o movimento vagaroso dos passos que sabem de cor o caminho para os pontos de encontro onde a amena cavaqueira se faz em torno de um copo de vinho e de um sem número de “pratinhos”: torresmos, pimentos assados, cabeça de borrego assado em forno de lenha, orelha de porco, cabeça de xara, fígado de coentrada, cenourinhas de azeite e alho, cogumelos assados, salada de polvo, grão com bacalhau... a lista seria interminável. Mas ficaria incompleta sem os caracóis, o nosso “marisco do restolho”, que perfuma as esplanadas de verão com o aroma inconfundível dos orégãos colhidos no campo.

Alguns destes pratinhos são também servidos como entradas nos restaurantes. Mas petisco é petisco. Já não é só para homens e tem cada vez mais adeptos entre a gente nova de cá, que mesmo quando consome *fast food* não esconde a sua preferência pelo gosto caseiro da cozinha tradicional.

“Tirar um petisco”, seja onde for, é das tais experiências que, aceitando ser alentejano por uns dias, não pode mesmo perder.

O NÉCTAR DOS DEUSES

No Alentejo não se regateiam as honras a Baco. Os vinhos são já um *ex-libris* da Região. Existem mais de 250 produtores, com uma área de cultivo da ordem dos 22.000 hectares.

Vai encontrar dois tipos de vinhos, brancos e tintos: **Vinho Regional Alentejano**, que se produz em toda a Região; e **Vinho DOC – Alentejo**, produzido nas oito regiões definidas como aptas para a produção de vinhos com Denominação de Origem Controlada – Portalegre, Borba, Redondo, Reguengos, Vidigueira, Évora, Granja/Amareleja e Moura.

O **Vinho Reserva**, considerado o topo de gama, pode resultar quer de vinhos regionais quer de vinhos DOC.

Os vinhos produzidos na parte norte do Litoral Alentejano – Grândola, Alcácer do Sal, Santiago do Cacém e Sines – pertencem à Região Vitivinícola de Setúbal. Não estranhe, pois, quando vir no rótulo a denominação **“Vinho Regional – Terras do Sado”**.

O selo DOC é uma garantia de qualidade. Mas diga-se em abono da justiça que, entre os vinhos do Alentejo, existe também elevada qualidade sem selo DOC.

A sua tipicidade advém de vários factores: o casamento perfeito entre as castas utilizadas e os vários tipos de solos existentes (graníticos em Portalegre, calcários cristalinos em Borba, mediterrânicos pardos e vermelhos em Évora, Granja-Amareleja e Moura, xistosos em Redondo, Reguengos e Vidigueira); os milhares de horas de exposição solar de que beneficia todo o Alentejo; a disciplina dos viticultores que cedo aprenderam que o bom vinho começa a fazer-se na vinha; e, finalmente, a capacidade que os enólogos, associando a tradição e a modernidade, têm revelado na arte de fazer o vinho.

Os vinhos brancos são aromáticos, frescos, harmoniosos e, por vezes, complexos, fruto da associação de castas. Os tintos, de cor rubi ou granada, têm aromas intensos a frutos vermelhos bem maduros, são macios, ligeiramente adstringentes, equilibrados e com corpo. Embora ganhem em complexidade com a idade, podem beber-se muito jovens.

O grande segredo para a sua plena fruição está em saber fazer a escolha certa: que vinho beber como aperitivo, com um bom queijo ou ao longo de uma refeição; e, inversamente, sendo o vinho a primeira



AC

decisão, que iguaria o deve acompanhar.

No Alentejo, há muitas formas de aprender: nos bons restaurantes, entregando-se nas mãos de quem sabe aconselhar; nas visitas a adegas, durante as provas de vinhos acompanhadas por enólogos dispostos a explicar-lhe tudo o que quiser saber; nos enoturismos que, apostados na arte de bem receber, organizam interessantes actividades em torno do vinho; e, finalmente, em algumas unidades de alojamento, que têm na gastronomia gourmet, obviamente indissociável dos néctares que a regam, a sua imagem de marca principal. (*Serviços Turísticos: Onde dormir, Onde comer, O que fazer*)

A Associação **Rota dos Vinhos do Alentejo**

(www.vinhosdoalentejo.pt), entidade a que deverá recorrer para a marcação de visitas a adegas e provas de vinhos, sugere-lhe vários percursos, organizados em três Rotas. Na **Rota de S. Mamede** pode visitar produtores em Portalegre, Benavila (Avis), Casa Branca

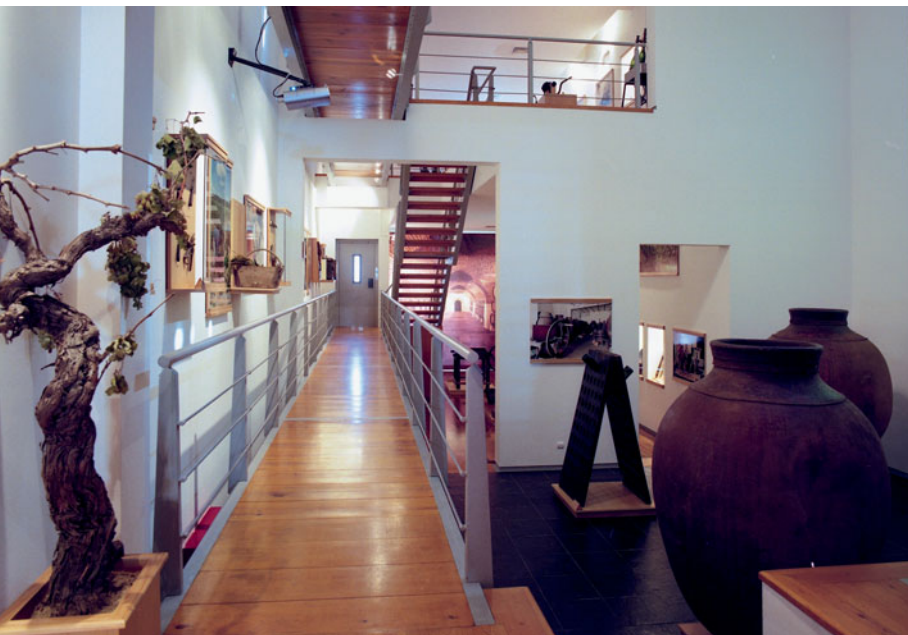


AC

(Sousel), Monforte e Campo Maior; na **Rota Histórica**, em Montemor-o-Novo, Évora, Azaruja, S. Sebastião da Giesteira, Arraiolos, Igrejinha, Estremoz, Arcos, Glória, Borba, Rio de Moinhos, Terrugem, Juromenha, Redondo, Aldeias de Montoito, Monsaraz, Reguengos de Monsaraz, Vendinha e Vera Cruz de Portel; na **Rota do Guadiana**, em Cuba, Vidigueira, Marmelar, Moura, Granja, Ferreira do Alentejo, S. Brissos (Beja), Alburnoa e Trindade. Seja qual for a sua escolha, verá como o tema do Vinho pode ser um excelente guia de descoberta da Região.

Como complemento, deixamos-lhe algumas propostas.

Uma é que vá a **Borba**, se possível em Novembro, quando se realiza a **Festa da Vinha e do Vinho**. No Centro Histórico existem várias "tasquinhas" de produtores locais, algumas com enormes talhas de barro, onde dantes se fazia o vinho. Durante a festa são objecto de uma rota especial, acompanhada pela Confraria dos Enófilos do Alentejo.



AC

Outra é que, em Dezembro, visite **Cabeção** e **Vila de Frades**, quando a prova do vinho novo do produtor é ocasião de festa. Em Vila de Frades, no quadro do evento **Vitifrades**, faz-se um concurso de vinhos da talha (2º fim de semana de Dezembro). Tanto nesta vila como noutras duas muito próximas, **Vila Alva** e **Vila Ruiva**, este vinho ainda é produzido com métodos muito próximos dos utilizados pelos romanos. (*O Alentejo é Património, O Alentejo é Natureza, O Alentejo é Ruralidade*)

A última, que não deixe de visitar a **Enoteca** e o **Museu do Vinho de Redondo**. Comece no Museu, que tem a vantagem de estar instalado no Posto de Turismo, dê um passeio pela Serra d'Ossa, ofereça-se um succulento almoço e passe a tarde na vila. Visite as olarias e as oficinas de mobiliário rústico pintado, caminhe pela História na minúscula **Cerca Medieval** e, ao fim do dia, fique a petiscar no simpático espaço da Enoteca. Se houver espectáculo no Centro Cultural, ainda pode ter música ao vivo pela noite fora. (*O Alentejo é Natureza, O Alentejo é Ruralidade*)



QUEIJOS, AZEITES, ENCHIDOS E PRESUNTOS

Completemos agora a mesa dos salgados. Com as tradicionais azeitonas e os azeites; os queijinhos que, conforme a época, a zona e o gosto, hão-de ser de cabra ou de ovelha, frescos ou curados, com pasta dura ou de entorna; os inevitáveis enchidos de várias qualidades; e o presunto. Em todos estes produtos se têm verificado apostas significativas dos produtores na certificação de qualidade. Mas, também neste campo, observa-se a mesma realidade já referida a propósito do vinho: há excelentes produtores que nunca candidataram os seus produtos aos processos de certificação em vigor. Uns por opção, outros porque a dimensão das suas explorações não o justifica. Encontra os seus contactos nos postos de Turismo assim como a informação sobre os locais de venda dos seus produtos. Aqui, porque a selecção se impõe, deixamos-lhe apenas a informação referente aos produtos DOP (Denominação de Origem Protegida) e IGP (Indicação Geográfica Protegida), sujeitos aos sistemas de certificação e controle da União Europeia.



COY



COY



COY

Queijos

No Alentejo existem três regiões com produção de queijos DOP: **Nisa, Évora e Serpa**. Todos se obtêm por esgotamento lento da coalhada, depois da coagulação do leite cru de ovelha por acção de uma infusão de cardo. Mantêm as formas tradicionais de fabrico, revelando características atribuíveis ao leite e à forma tradicional de maneio das ovelhas.

O **Queijo Nisa DOP**, curado, de pasta semidura, fechada, com os olhos pequenos, é exclusivo de uma região do Norte Alentejano que abrange oito concelhos. Nesta mesma área geográfica produz-se, com leite de ovelha e de cabra, o **Queijo Mestiço de Tolosa IGP**.

Existem produtores em Nisa, Monte Claro, Gáfete, Tolosa, Alpalhão, Vaiamonte e Monforte. Em Tolosa e Vaiamonte fazem-se queijos biológicos que, quando certificados, exibem o selo AB (Agricultura Biológica).

O **Queijo Évora DOP** é um queijo curado, de pasta dura ou semidura, com poucos ou nenhuns olhos, que pode produzir-se numa extensa área que abrange 14 concelhos do Alentejo Central e 3 do Norte Alentejano.

Encontram-se produtores deste queijo em Évora, Arraiolos, Alcáçovas, Aldeias de Montoito (Redondo), Rio de Moinhos (Borba) e Sousel.

O **Queijo Serpa DOP** é, talvez, o mais afamado do Alentejo. É um queijo de ovelha curado, de pasta semimole amanteigada, que pode mesmo entornar, com poucos ou nenhuns olhos. Os queijos são

guardados nas «rouparias» (queijarias), pelo menos durante um mês, em ambiente fresco e húmido, até atingirem o ponto certo de maturação. Provenientes de uma região que abrange 12 concelhos do Baixo Alentejo, é também ao seu clima, solos e pastagens que o Serpa DOP deve as características que o tornam num queijo único. Existem produtores em Beja (Santa Clara do Louredo e Penedo Gordo), Moura, Pias, Serpa e Mértola (Corvos e Corte da Velha).

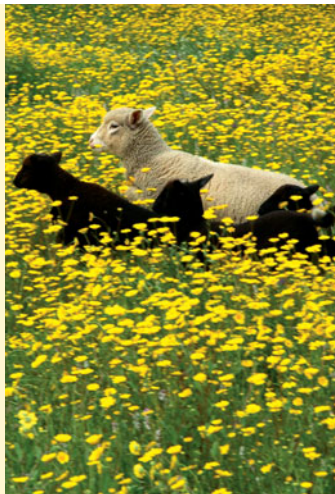
Azeitonas e Azeites

Basta percorrer o Alentejo para não restarem dúvidas sobre a importância da cultura do olival. Os olivais ocupam mais de 150.000 hectares e são um dos factores da beleza da paisagem da região. Os amantes da fotografia têm nas muitas oliveiras centenárias que aqui perduram, com troncos que são verdadeiras esculturas, material de sobra para horas e horas de prazer.

É destas companheiras seculares dos homens que brota a azeitona, alimento de longa tradição, que continua a “adoçar-se” como antigamente, a temperar-se com sal e orégãos e a marcar presença em toda a mesa alentejana que se preza. Os costumes do consumo caseiro, que passaram para os restaurantes, mantêm-se: as primeiras azeitonas, colhidas logo a partir de Outubro, comem-se retalhadas ou marteladas; do resto da produção faz-se a azeitona de conserva que fica pronta no mês de Março. No que respeita à produção industrial, a única azeitona de conserva do Alentejo com denominação de origem protegida (DOP) é a de **Elvas e Campo Maior**.

Quanto ao azeite, existem três marcas **DOP: Azeite de Moura, Azeites do Norte Alentejano e Azeite do Alentejo Interior**, todos com sabores distintos. O azeite DOP é Virgem ou Virgem Extra, ou seja, produzido exclusivamente através de processos mecânicos a baixas temperaturas. Só recebe esta classificação quando é comprovada a ligação inequívoca entre a sua qualidade e os factores naturais e humanos da sua região de origem. Os **azeites biológicos** certificados estão em notória expansão.

Encontram-se produtores de **Azeite DOP** em: Sousel, Santo Amaro, Borba, Redondo e Reguengos de Monsaraz (Azeites do Norte Alentejano); Moura, Serpa e Vila Verde Ficalho (Azeite de Moura); Portel, Vidigueira e Torrão (Azeite do Alentejo Interior).



Não deixe de visitar, em **Moura**, o patrimonial **Lagar de Varas do Fojo**, transformado em Museu do Azeite, e o **Lagar-Museu do Palácio Visconde d'Olivã**, em **Campo Maior**. Nesta última vila, vale também a pena conhecer o **Museu do Café**.

Os enchidos

Comem-se de todas as maneiras: como saem do fumeiro, cozidos, fritos, assados, sozinhos, como acompanhamento e como ingrediente de vários pratos tradicionais.

O processo de produção é moroso. Começa na selecção das carnes mais adequadas que, em seguida, se picam e temperam. Os condimentos não são sempre os mesmos mas o mais comum leva massa de pimentão, alho, sal, vinho e especiarias. Depois de temperada, a carne fica em repouso para adquirir o sabor. Quando está pronta, enchem-se as tripas naturais e penduram-se em varas para passarem pelos vários estágios da cura que se faz lentamente, ao ar e ao fumo da lenha de azinho.

Ainda hoje a tradição se mantém: quem mata o porco, por mais frigoríficos e arcas congeladoras que tenha, não deixa nunca de fazer os seus enchidos. Por outro lado, esta forma ancestral de fazer entrou na indústria como um dos requisitos para a sua certificação que, no que respeita à Salsicharia (painho, chouriço, morcela, cacholeira branca,



COY



AC

lombo enguitado, farinheira, etc.), se identifica pela sigla **IGP**. Existem produtores em Portalegre, Póvoa e Meadas, Elvas, Arronches, Fronteira, Sousel, Cano, Estremoz e Borba. Muitos deles são aderentes da iniciativa "Rota dos Sabores do Alentejo", o que possibilita, mediante marcação prévia, a visita das suas instalações, a prova dos seus produtos e a compra directamente no produtor. Informações em www.rotadossabores.com

O presunto

O presunto no Alentejo produz-se em Campo Maior, Elvas, Santana da Serra (Ourique) e Barrancos.

O **Presunto de Barrancos DOP**, o único com esta denominação de origem, é obtido exclusivamente a partir de pernis de porcos da Raça Alentejana, criados em regime de Montanha. Tem um peso mínimo de 5 Kg, um sabor agradável, muito suave, delicado e pouco salgado, por vezes com travesal picante. A gordura é brilhante e aromática. Uma das características que o diferencia de todos os outros é o facto de, graças ao microclima da zona, ser curado ao ar, lentamente, sem recurso ao fumeiro. O resultado é excelente e justifica uma deslocação para visita dos produtores que, além do presunto, também nos deleitam com saborosos enchidos.

(O Alentejo é Natureza)



O DOCE QUE NUNCA AMARGOU

Terminemos com os doces que são outra saborosa viagem a não perder. Os gulosos terão que se conter porque cada terra tem os seus – e são muitas! - e as freiras dos conventos de outrora, no que toca a doçaria, nunca deixaram os seus créditos por mãos alheias.

A tradição vem de longe e traz-nos aromas de especiarias que o Alentejo praticamente nunca deixou de ter, quer viessem por terra, pela mão de mercadores árabes e judeus, quer posteriormente, quando começaram a vir pelo mar. É o caso da perfumada canela que entra na composição de tantos doces tradicionais.

Nas casas dos pobres e dos ricos, em dias de festa ou para adoçar agruras do quotidiano, a imaginação dos artistas da cozinha foi criando um amplo receituário. Para além dos bolos secos de padaria, que se cozem no mesmo forno onde se faz o pão, encontramos em todo o Alentejo os nógados e os filhós, os bolos fintos e os folares da



ASP



ASP



NdN

Páscoa, as azevias natalícias com recheios de gila ou de grão. Entre muitos outros, ligados a fortes tradições locais.

Uma parte substancial dos bolos e doces de maior reputação no Alentejo são de origem conventual. Os ingredientes que fazem estas delícias são simples de encontrar: açúcar, ovos (muitos ovos!), pão, leite, queijo, requeijão, canela, amêndoa, gila e pouco mais. Qualquer pessoa pode pegar numa receita e tentar. Fazê-los com excelência já não será para todos, porque os segredos têm sido guardados e passados, ciosamente, de geração em geração. E o doce, como o salgado, também exige a tal “mão”.

Felizmente, hoje temos um factor de peso a nosso favor: é tão forte a convicção de que a doçaria conventual também é Património que, para a podermos provar, já não precisamos do privilégio de ser visita daquelas casas onde havia sempre uma avó ou uma tia que fazia uns doces de comer e chorar por mais. Fazem parte, como no Alentejo sempre fizeram, da ementa dos bons restaurantes. Mas, delícia das delícias, vendem-se também em pastelarias especializadas, inteiros ou à fatia, o que permite transformar um simples lanche numa experiência que nos leva ao céu.

Só para ficar com um cheirinho do muito que a Região tem para oferecer no capítulo dos doces, tome nota e experimente provar: em Castelo de Vide, boleimas de maçã; em Elvas, sericaia com ameixas; em Portalegre, rebuçados de ovos e pastéis de Santa Clara; em Borba,

O Mel é um produto emblemático do Alentejo. Quando certificado, é produzido pela abelha *Apis mellifera mellifera* (*sp.iberica*) e pode incluir cinco variantes: rosmarinho, soagem, eucalipto, laranjeira e multifloral. É comercializado em frascos de vidro com o rótulo "Mel do Alentejo – DOP".



COY



doce dourado; em Arraiolos, pastéis de toucinho; em Mora, queijinhos do céu; em Évora, morgado e pão de rala; em Mourão, encharcada e bolo rançoso; em Alcáçovas, Conde das Alcáçovas; em Beja, porquinho doce e queijo conventual; em Serpa, queijadas de requeijão; em Almodôvar, bolo chibo; em Alcácer do Sal, pinhoadas; em Grândola, bolo de torresmos; em Santiago do Cacém, alcomonias; em Sines, areias e vasquinhos ...

Há muitos mais e para todos os gostos. Bebidas para acompanhar também não lhe vão faltar: vinhos licorosos e, de origem popular ou conventual, excelentes licores.

ONDE COMPRAR

Há produtos que tem que consumir durante a sua viagem. Outros que vai querer levar de recordação ou para oferecer aos amigos: vinhos, licores de poejo ou de medronho, azeites, azeitonas de conserva, queijos, enchidos, presunto, mel, compotas, pastéis, biscoitos, ameixas de Elvas, castanhas de Marvão, de tudo pode encontrar. Nos mercados e nas feiras; nas festas e mostras gastronómicas; no comércio tradicional e nas lojas gourmet, cada vez mais numerosas em toda a Região.



